

UNIVERSIDADE

pública

JUL_AGO /2009
ano 9. nº50

Envolvimento autorizado, pode ser aberto pela E.C.T.

IMPRESSO

Presença ampliada

A Universidade Federal do Ceará está em quatro regiões do Estado e expande-se por meio da ampliação de vagas, criação de novos cursos e ensino a distância

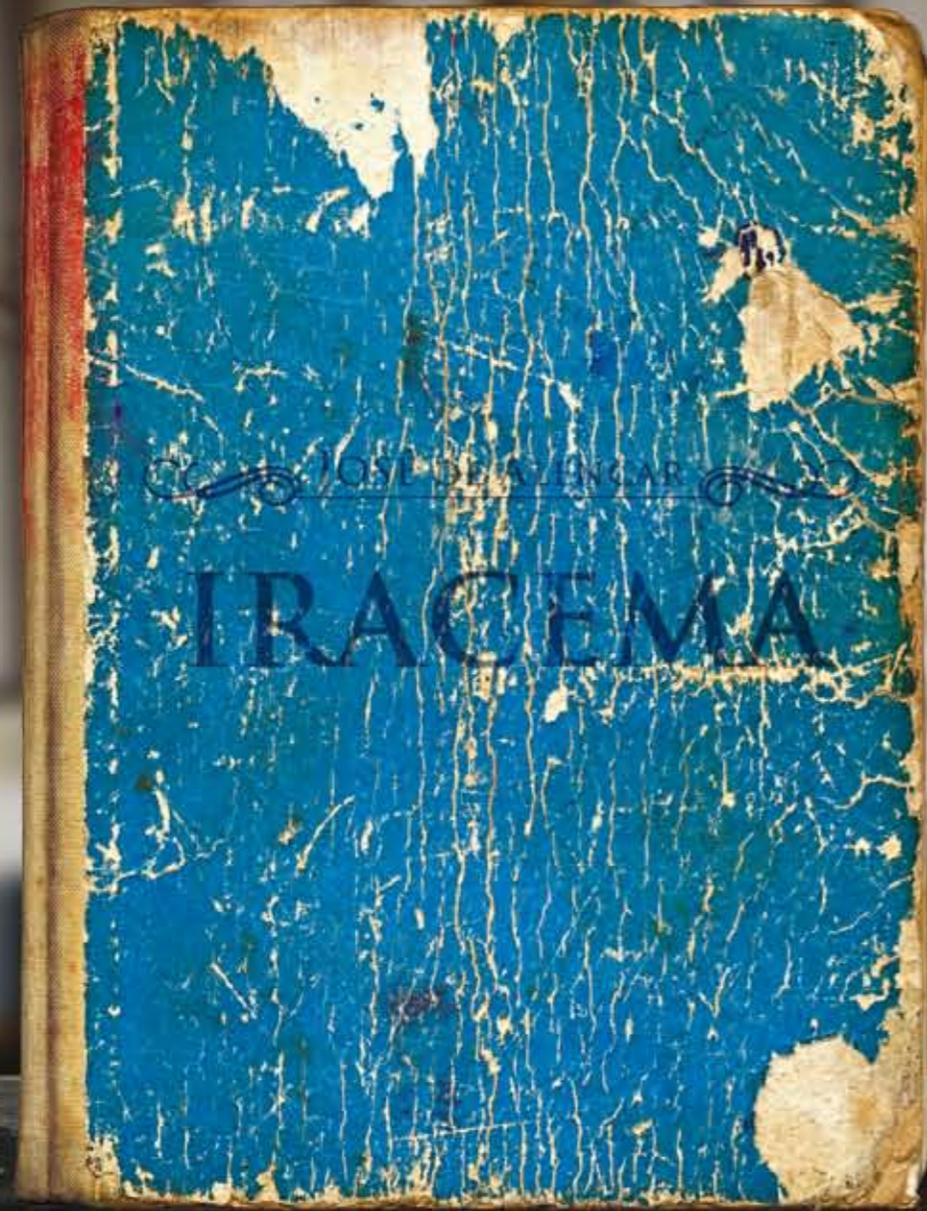
Parceria

Trabalho em conjunto entre UFC e Petrobras completa 15 anos com maciços investimentos em pesquisa

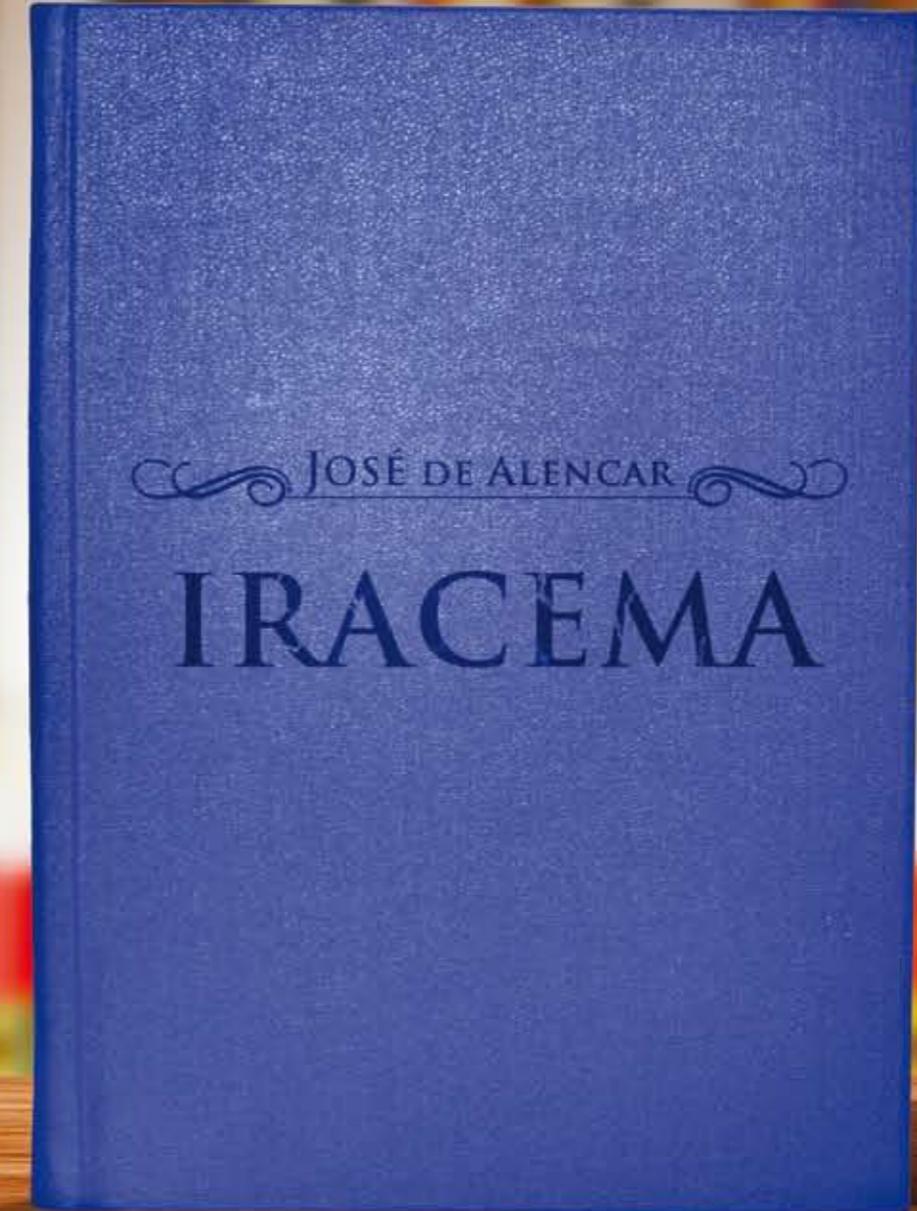
Jubileu

Hospital Universitário chega ao cinquentenário e consolida seu papel de formação em saúde

SE UM LIVRO JÁ MERECE
O NOSSO CUIDADO, IMAGINE
UMA BIBLIOTECA INTEIRA.



REINAUGURAÇÃO DA BIBLIOTECA
PÚBLICA MUNICIPAL DOLOR BARREIRA.
UMA OBRA DA PREFEITURA QUE
VOCÊ PRECISA CONHECER.



A Prefeitura de Fortaleza convida você para visitar a nova Biblioteca Pública Municipal Dolor Barreira. Após ampla reforma, o espaço agora conta com auditório, gibiteca e sala de consulta para pessoas com deficiência. Além disso, o acervo foi ampliado para mais de 15 mil volumes, com obras das mais diversas áreas e destaque para os autores cearenses. Vale a pena visitar este clássico da nossa cultura.

Avenida da Universidade,
2572, Benfica.
Funcionamento: segunda a
sexta-feira, das 8h às 21h.





PROMOÇÃO UNIVERSITÁRIOS 2009

ASSISTA AOS JOGOS DO VÔLEI BRASILEIRO AO VIVO. OU, QUEM SABE, PELO SEU NOVO COMPUTADOR.

Quem tem BB Conta Universitária e cartão Ourocard concorre a 30 pacotes de viagem com acompanhante para a Liga Mundial de Vôlei no Brasil e para a etapa final do Circuito Banco do Brasil Vôlei de Praia. Quer mais? Ainda serão sorteados 90 notebooks.

Banco do Brasil. Faz diferença ter um banco todo seu.

Confira o regulamento no bb.com.br/universitario

BANCO DA ISA E DO BRUNO

Central de Atendimento BB – 4004 0001 ou 0800 729 0001 • SAC – 0800 729 0722
Ouvidoria BB – 0800 729 5678 • Deficiente Auditivo e de Fala – 0800 729 0088

Todo seu



UNIVERSIDADE pública

Revista de valorização e promoção da produção científica, tecnológica e cultural da UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ.

Reitor
Prof. Jesualdo Pereira Farias
Vice-Reitor
Henry Campos

Reitoria
Av. da Universidade, 2853
60020-181 - Fortaleza - CE
Fone: (85) 3366.7311
Internet: www.ufc.br
E-mail: reitor@ufc.br

Coord. de Comunicação Social e Marketing Institucional
Paulo Mamede
Fone: (85) 3366.7319

Assessor de Comunicação Institucional
Italo Gurgel
Fone/Fax: (85) 3366.7330
E-mail: ufcinforma@ufc.br

Revista Universidade Pública
Av. da Universidade, 2910
Benfica - Fortaleza - Ceará
CEP: 60020-181
Fone/Fax: (85) 3366.7319
revistaufc@gmail.com

Editora
Ana Rita Fonteles
CE01169JP
Reportagens
Ana Rita Fonteles
CE01169JP
Gustavo Colares
CE01861JP
Simone Faustino
CE02133JP
Cristiane Pimentel
CE01863JP
Hébely Rebouças
CE2180JP
Geórgia Cruz
CE2241JP
Deise Pequeno
CE2202JP

Fotos
Júnior Panela
CE00100RF
Estagiário de Fotografia da UP
Projeto Gráfico
Diego Normandi
Tiragem
5.000 exemplares
Periodicidade
Bimestral
CTP e impressão
Expressão Gráfica

50 vezes UFC

Há datas que merecem ser, senão comemoradas, devidamente lembradas pelos significados que carregam. É o que acreditamos deva acontecer neste momento em que a revista Universidade Pública, órgão de divulgação da produção acadêmica da Universidade Federal do Ceará (UFC), alcança sua 50ª edição.

Em toda a sua trajetória, a publicação, criada no ano de 2000, vem se dedicando a dar visibilidade à pesquisa científica realizada na UFC, assim como aos projetos de extensão e às realizações no campo do ensino. Há uma preocupação editorial de que esses assuntos sejam tratados de forma didática e esclarecedora, acessível a um público formado desde o aluno do Ensino Médio, passando por sindicalistas, jornalistas, parlamentares, até pesquisadores de ponta.

Nossa atividade, no entanto, nunca se restringiu somente ao mero relato de produções. O debate de grandes temas ligados ao ensino, prioritariamente o público, ao comportamento, às transformações sociais, sempre esteve presente, em destaque, em nossas páginas.

E no momento em que o jornalismo e a comunicação social brasileiros são atacados em sua organização e em suas conquistas históricas, reafirmamos nosso posicionamento favorável à qualificação de nossos profissionais, todos jornalistas formados pela UFC. Seus diplomas não são mera formalidade como podem pensar alguns, mas a garantia de vivência de experiências e discussões em que o jornalismo foi sempre encarado como atividade fundamental para a liberdade de informação, a democracia e a defesa dos direitos humanos. Nossa atividade é de imensa responsabilidade social e disso não abrimos mão.

Para lembrar a 50ª edição, preparamos reportagens especiais. Nesses quase dez anos de atividades de UP acompanhamos a expansão da Universidade. Resolvemos traçar um panorama da UFC que se espalha hoje por diversas regiões do Estado, mensurando os impactos desse crescimento em Fortaleza e nas regiões Central, Norte e Sul do Ceará. Outra reportagem especial retrata os resultados da parceria entre a UFC e a Petrobras em áreas como pesquisas de combustíveis, lubrificantes, asfalto, engenharia e meio ambiente.

O maior centro de formação médica do Estado, o Hospital Universitário Walter Cantídio, da Universidade Federal do Ceará, completa 50 anos. Analisamos seu papel no ensino, na pesquisa, em novos tratamentos e as perspectivas para os próximos anos.

Esperamos que a leitura seja proveitosa! Até a próxima edição.

Ana Rita Fonteles
EDITORA UP



NOSSA CAPA

Ilustração de Diego Normandi



SUMÁRIO

UP. JUL / AGO 2009

ENTREVISTA

por Ana Rita Fonteles

Sob o signo do diálogo e da crítica

As entrevistas são instrumentos fundamentais para a apuração e construção dos textos jornalísticos. Há muito, a própria entrevista em seu formato pingue-pongue, ou pergunta e resposta, tornou-se um gênero apreciado, ganhando espaço de destaque e publicações específicas, tendo se popularizado no rádio, na TV e no cinema. Fascinantes por trazerem revelações, histórias de vida, elas alargam a possibilidade de se saber mais sobre pessoas e acontecimentos.

As ciências humanas, em suas mais diversas áreas, também adotaram a entrevista como forma de produção de material para análise e conhecimento. Um campo, em especial, tem trazido contribuições importantes para o conhecimento do passado e sobre os diversos processos de construção da memória: a história oral. Utilizando relatos através de entrevistas, pesquisadores vêm pensando temas como a identidade, a biografia, os sentidos de mentiras e equívocos em testemunhos. Sobretudo, as vozes de excluídos, seja socialmente ou economicamente, vêm encontrando canais de comunicação e visibilidade antes só reservados às elites.

Mas as entrevistas na história oral são apenas o primeiro passo na sua construção. Quem afirma isso é Alessandro Portelli. Uma das maiores referências na produção de investigações nesse campo, o professor da Universidade de La Sapienza, em Roma, diz que trabalhando com membros das elites ou de classes subalternas dois componentes devem andar juntos como instrumentos de trabalho do pesquisador: o respeito por quem fala e a crítica sobre o que é dito. Portelli esteve em julho, em Fortaleza, onde proferiu conferência no XXV Simpósio Nacional de História e nos concedeu a entrevista que segue.

18 CAPA

PRESENÇA AMPLIADA

O desafio de expandir o ensino universitário com qualidade tem guiado as ações da UFC. Presente em três regiões do Estado, além de Fortaleza, a Universidade incrementa a oferta de vagas através do ensino a distância e de novos cursos possibilitados pelo Reuni

7 ENTREVISTA

ALESSANDRO PORTELLI

O pesquisador italiano, referência internacional no campo da história oral, esteve em Fortaleza e falou sobre os desafios para a pesquisa com a memória por meio de relatos orais



14



PARCERIA EM PESQUISA

Petrobras e UFC mantêm parcerias em pesquisas há 15 anos. Petróleo, energias renováveis e meio ambiente estão entre as principais áreas de estudo

24



DE SORRISO ABERTO

Projeto de extensão da UFC promove a saúde bucal entre pacientes internados no Hospital Universitário Walter Cantídio

28



O DIPLOMA EM QUESTÃO

O fim da exigência do diploma para o exercício do jornalismo abre debate sobre a qualidade da informação que recebemos e sobre a possibilidade de desregulamentação de outras profissões

32



50 ANOS DO HU

Hospital Universitário Walter Cantídio, referência em formação de pessoal na área de saúde no Ceará, completa 50 anos

Universidade Pública – A história oral é um campo fértil para a investigação histórica nos dias atuais. O senhor é um nome referencial nesse campo de estudos. Como foi sua aproximação deste tema?

Alessandro Portelli – Estava buscando música popular e, sobretudo, música operária, porque tenho uma motivação política nisto, investigar a consciência operária e a história da causa operária através da tradição oral. Dei-me conta de que todos os cantores não só cantavam, mas também diziam histórias de suas canções, de sua vida. Isso era muito interessante, sobretudo quando me dei conta de que nem tudo o que diziam estava certo. Havia erros, havia imaginação, havia um esforço de dar sentido à história, dar forma mais íntegra e mais adequada às suas vidas. Combinavam histórias diferentes numa história única ou levavam aspectos de um evento ao contexto de outro. E a questão que se discutia nesse tempo era sempre sobre a credibilidade das histórias orais. Para mim, os erros eram muito mais interessantes que as histórias corretas, porque os erros eram espaços onde se expressava a subjetividade. Isso faz parte de toda uma mudança de paradigma no campo da história oral na segunda metade dos anos 70. Considero-me parte dessa mudança. A história oral não é um documento secreto do passado, mas um documento da subjetividade, do presente em que a história é relatada.

UP – Essa mudança de paradigmas não deve ter sido fácil. Como as ciências humanas daquela época receberam o novo enfoque?

AP – As ciências humanas da época rechaçavam a história oral como um todo. Não recebiam nada e os historiadores como Paul Thompson tratavam de adequar os métodos da história oral aos métodos das ciências sociais para provar que as fontes orais eram confiáveis como todas as outras, pretendendo elevar a história

oral a uma ferramenta das ciências sociais tradicionais. Publiquei meu primeiro livro de história oral sobre a história de Terni (cidade italiana) numa série de Carlo Ginzburg, um pouco herética, marginal ou crítica. Era uma série que se chamava A Micro-História. A mudança ocorreu na segunda metade dos anos 90 porque ficou claro para todos que a memória não era simplesmente um espelho do passado, mas uma arena de luta cultural e política contemporânea. A maneira de recordar a Segunda Guerra Mundial, a Resistência, não é só um

"A história oral não é um documento secreto do passado, mas um documento da subjetividade, do presente em que a história é relatada"

ato de conhecimento histórico, mas um feito de onde nos colocamos no presente, a definição da democracia, a prática do antifascismo, que não é só uma coisa do passado, mas uma coisa do presente, pois tem a ver com o que fazemos com o racismo, com os imigrantes e o que fazemos com os direitos humanos agora. O trabalho que fiz foi reconhecido como uma contribuição importante a esse debate sobre a memória da democracia porque a mudança foi a de ver a memória não como um espelho dos fatos, mas que a memória é um feito em si mesma, que há uma história da memória. É isso que vimos defendendo há 30 anos, mas só há dez, 12 anos, tivemos um reconhecimento.

UP – Os historiadores e cientistas sociais trabalham melhor com essas questões na atualidade?

AP – Há um mundo de historiadores que ainda não utilizam fontes orais, uma história um pouco positivista. Mas, agora, há muitos historiadores

jovens que sabem que as fontes orais existem e que, mesmo sem fazer história oral, utilizam os trabalhos de historiadores orais, se servem das fontes orais, arquivos orais. Há fusão maior entre o trabalho de historiadores orais e toda a oficina da história.

UP – A história oral surge como método para o trabalho prioritário com os excluídos. Mas hoje temos trabalhos que tratam do poder, das elites e o fazem bem. Qual sua opinião sobre esse tipo de trabalho e o que eles podem fazer pela história política, por exemplo?

AP – As elites já têm acesso ao discurso público e a contribuição das fontes orais é incluir no discurso público os excluídos e, assim fazendo, transformá-lo. Quando entrevistamos as elites, não necessariamente transformamos o discurso público. O problema é se amplificamos a voz das elites. A relação entre o entrevistado e entrevistador na história oral é muito mais complicada no caso das

elites porque, de um lado, sempre teremos que respeitar a pessoa. De outro lado, as entrevistas não têm muito sentido se não são críticas, se não implantam um ponto de vista diferente sobre a visão das elites. Gosto de muitos trabalhos interessantes aqui do Brasil, da Fundação Getúlio Vargas, que faz coisas muito profissionais e bastante críticas.

UP – Recordo uma série de entrevistas com militares brasileiros que atuaram na tortura, na década de 70, e que não foram muito bem vistas por alguns historiadores que pensam que eles não devem ser escutados. O que o senhor acha?

AP – Eu penso que sim (devem ser escutados) e, agora, estou pensando um projeto, não com elites, mas com policiais que sobreviveram aos ataques das Brigadas Vermelhas, dos terroristas. Esses são excluídos também porque há vítimas ilustres e quase nunca se fala deles. Por outro lado eu não estou de acordo com suas ideias políticas, mas o que faz interessante uma entrevista é que não somos os mesmos depois delas.

"A contribuição das fontes orais é incluir no discurso público os excluídos e, assim fazendo, transformá-lo"

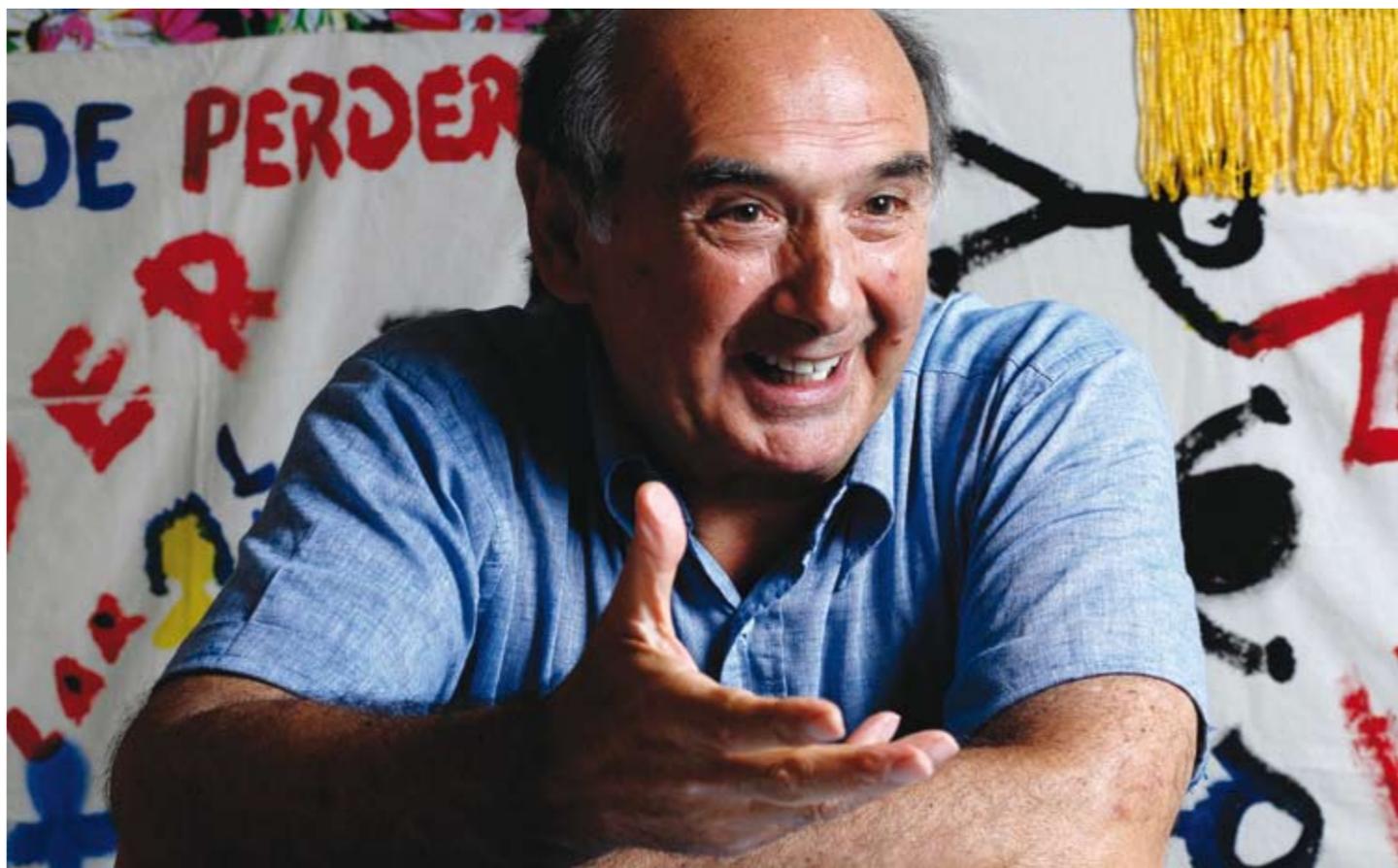
Tenho entrevistado padres, fascistas e sempre aprendi algo. O problema com as elites é que elas sempre têm uma imagem pública e também têm imagem privada que confirma essa imagem pública. São poderosas, mas amam seus filhos, gostam de futebol, têm uma visão de si mesmas que humaniza o poder. É muito difícil sair desse quadro, é trabalho mais difícil entrevistar as elites de maneira que não seja subalterna, subordinada. Há quem consiga.

UP – Mas críticas também deveriam ser as entrevistas com pessoas excluídas ou não?

AP – Absolutamente. De fato, o nome do Instituto Ernesto De Martino, onde comecei a trabalhar, é Instituto Ernesto De Martino para o Conhecimento Crítico e a Presença Alternativa das Classes Populares e Operárias. Então, é o conhecimento crítico. Se escutas criticamente, te das conta de que não estão certos, que estão equivocados, mas, também, o conhecimento crítico não quer dizer necessariamente opositor, quer dizer um aprofundamento do sentido implícito das estruturas profundas do discurso e também fazer uma restituição às fontes, para que suas próprias palavras sejam interpretadas de forma mais articulada, de forma que eles mesmos não se haviam dado conta. Armar a classe com suas próprias armas. Que essa cultura consiga ter consciência de si mesma. Isso só se consegue se se faz um trabalho crítico.

UP – Pensava nisso recordando uma pesquisadora argentina, Beatriz Sarlo, que trabalha com as memórias produzidas sobre as ditaduras no Cone Sul e em outros países da América Latina. Ela afirma que há, hoje, uma memória que pensa os testemunhos como algo transparente, como a verdade. Ela critica o fato de se analisar pouco esses testemunhos.

AP – O trabalho de fazer a entrevista é só o primeiro momento. O trabalho



do historiador consiste, sobretudo, na análise, na interpretação e também na responsabilidade que assumimos de interpretar. Quando fizemos um projeto de entrevistas com estudantes da minha faculdade que a haviam ocupado, interpretamos as entrevistas e eles as rejeitaram porque eles eram estudantes de Filosofia, eles eram os intérpretes, não os interpretados. Nós interpretamos a rejeição da interpretação.

UP – Não podem ser questionados.

AP – Sim, colocar-se humanamente do lado dos excluídos não quer dizer que eles sempre tenham razão, que teremos que compartilhar tudo. Eu entevisto fundamentalistas das igrejas mais conservadoras, por eles tenho um sentido de afeto humano, mas não compartilho nada de suas ideias. Tenho sentido de afeto porque eles pertencem ao mundo, porque eles são a prova dos que não têm educação formal, mas também são eloquentes, também têm um sentido poético, uma imaginação. E isso é importante porque de alguma maneira não importa o que dizem, me importa o fato de que falem, pois essa é a coisa mais importante, que a gente que não tenha direito de falar publicamente, fale. É o direito à palavra. E que através de nosso trabalho sua palavra, que está fechada em espaço limitado, amplifique-se e se transforme em palavra pública. Muitas canções populares folclóricas são antifeministas e muitíssimas são religiosas, mas são preciosas porque não é tanto pelo conteúdo, mas pelas formas expressivas que permitem as pessoas se exprimirem. Há de se continuar crítico, mas também levar em conta que há maneira de exprimir-se. Minha amiga Giovana Marine sempre diz que a alteridade não está só no texto, mas no estilo, na maneira de utilizar a voz, que é um lugar de alteridade e de democracia, porque é uma alteridade não subordinada a

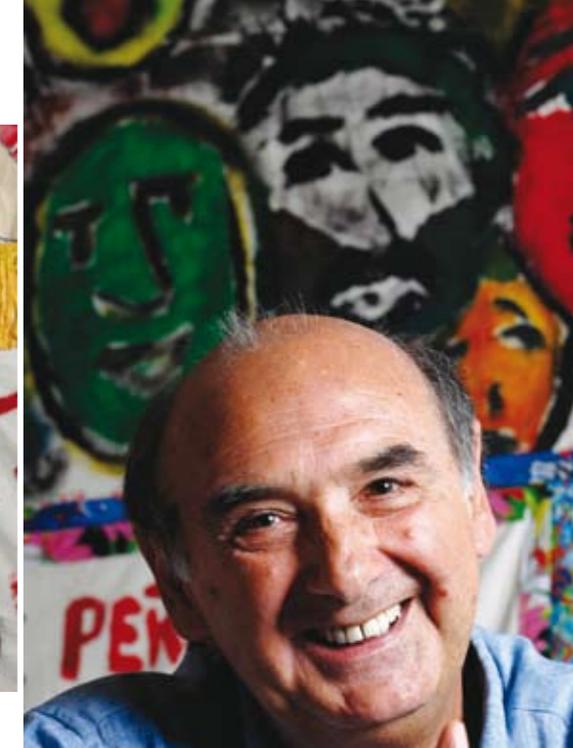
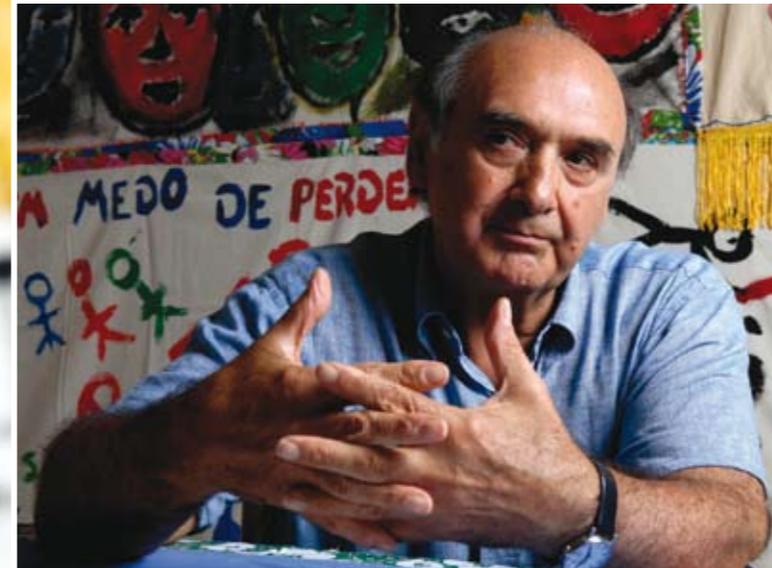
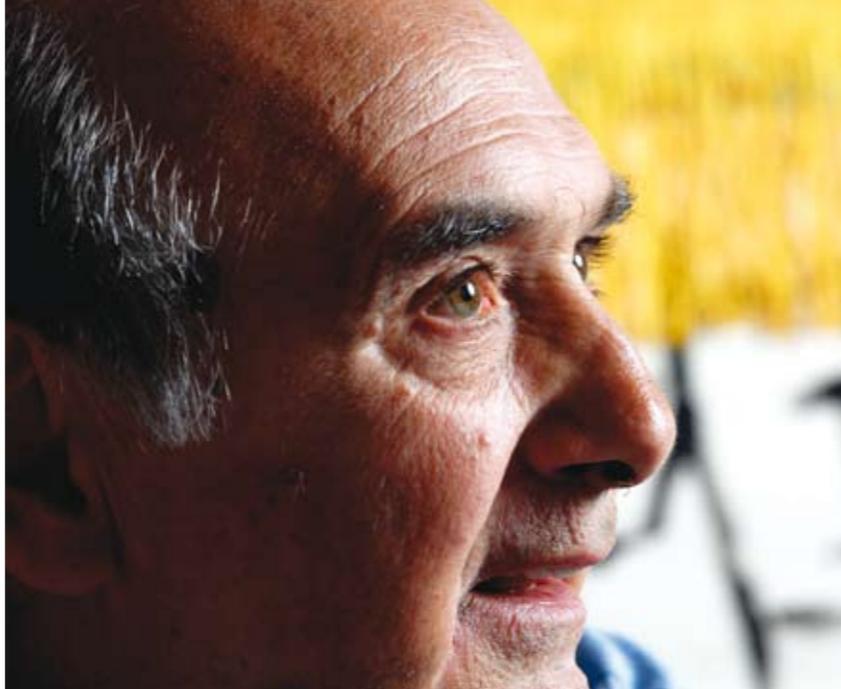
nada, que não busca adaptar-se aos critérios estéticos, artísticos, das elites e têm uma poética e uma estética outra. Isso significa uma presença alternativa das classes populares. Há elementos culturais outros que são a identidade da classe. Fala-se, frequentemente, da classe em si e da classe por si. O que encontramos nisso é a classe em si. Sem identidade não se cria consciência.

UP – A história oral muda também o papel do pesquisador. O que o investigador deve fazer para não pensar que faz um resgate das vozes? Como não cair em armadilhas do paternalismo?

AP – O primeiro é reconhecer que não somos nós que damos vozes ao sem voz. Eles já têm a voz e graças a suas vozes temos condições de escrever nossos livros, de fazer nossos filmes. Eles nos dão voz e o que nós damos a eles são os canais de comunicação, suas vozes se amplificam e se fazem públicas através dos trabalhos. Por isso temos responsabilidade profunda de respeitar o sentido real dessa voz, porque as palavras que utilizamos em nossos livros não são nossas,

"Temos responsabilidade profunda de respeitar o sentido real dessa voz, porque as palavras que utilizamos em nossos livros não são nossas, confiaram-nas a nós como presentes"

confiaram-nas a nós como presente, como empréstimo e há de se respeitar a intenção dessas palavras. O que não quer dizer não analisar, não ser crítico, mas quer dizer que a pessoa que fala quer aparecer em público com dignidade e não se pode macular essa dignidade, mesmo quando a pessoa é um adversário político, um fascista. Tive muito prazer no fato de entrevistar jovens fascistas e fui falar de meu trabalho em sua escola. E eles haviam lido o livro e não vieram à assembleia porque diziam que esse era um livro comunista, mas tiveram de admitir que foram tratados corretamente, que não se utilizaram suas palavras contra eles. Mas suas palavras estão ali como foram pro-



nunciadas. É o mesmo com as elites. Com frequência, as elites dizem coisas terríveis que se as dissessem os operários não acreditaríamos. Tenho uma entrevista com um patrão de minas no Kentucky que diz: “Bom, por que nunca utilizei operários negros? Porque minha família é sem patrões e escravos”. Não vou dizer no livro que ele é um monstro reacionário. Ele é muito orgulhoso de sua família e sua atitude com os operários é a mesma que seus pais tinham com os escravos.

UP – O senhor é de acordo que, depois da popularização da história oral, se assim podemos dizer, houve também uma popularização da entrevista como gênero, como se vê no cinema, no jornalismo? O que fascina tanto numa entrevista?

AP – É a ilusão de ter um contato com a realidade, a ilusão do testemunho. Ao contrário de testemunho sempre falo de relato. É a ilusão do testemunho ocular. Todo o gênero de entrevistas jornalísticas na TV na Itália é o que chamam de “dor”. Entrevistam a pessoa que teve um filho morto e lhe perguntam como se sente.

UP – Aqui no Brasil também.

AP – (Risos). Para compartilhar - outra palavra que usam - as emoções. Quase nunca se utiliza a entrevista como um caminho de conhecimento e de diálogo. A pergunta “como te sentes?” não é uma pergunta dialógica e a entrevista jornalística quase nunca é uma entrevista dialógica. Bom, isso tem sua função porque se entrevistam os ministros para dar uma declaração, dizer algo. É uma entrevista muito funcional, operativa. Uma entrevista de verdade, em que duas subjetividades comunicam-se, é diferente.

UP – Em termos éticos há uma forma de conduta específica para trabalhos com a história oral?

AP – Há de se entender que os entrevistados são cidadãos, seres vivos. A ética principal é a do respeito às pessoas com quem trabalhamos. Isso significa escuta, paciência, se dizemos coisas que não interessam, porque com frequência cremos que nos interessam, mas com frequência descobrimos que muito mais interessantes são as perguntas. Há de se ter respei-

to e responsabilidade pelo que se diz. É fato que, no centro de tudo isso, estão os excluídos, os marginais, os explorados. Que a história oral não seja só uma maneira de conhecê-los como conheceríamos insetos se fôssemos entomólogos, mas como uma maneira de empoderá-los e de contribuir para mudar a condição de exclusão. Enfim, creio que se o entrevistador não sai da entrevista diferente, outro, não é que a entrevista fracassou, mas não foi das melhores, das mais profundas. E também o entrevistado sai transformado da entrevista porque a entrevista é um desafio e quase nunca lhe pediram para contar sua vida, dando-lhe uma forma completa à razão de sua vida. E, também, porque as perguntas que colocamos, com frequência, são perguntas que nunca lhes foram feitas. É um desafio para o entrevistado, é uma oportunidade que oferecemos de exprimir-se em um contexto e de uma maneira que nunca tinham feito antes. Creio que esse encontro entre sujeitos é processo de aprendizagem recíproca. A função política de mudança social e cultural da história oral começa no momento da entrevista com o contato. ☺

A revolução pela cooperação

O Programa de Educação em Células Cooperativas (Prece) completa 15 anos comemorando o ingresso de 350 estudantes de origem popular na universidade

por Deise Pequeno

Há 15 anos, um jovem apaixonado por sua própria terra decidiu, após passar no vestibular, que voltaria nos fins de semana a sua comunidade de origem, para ajudar outros a concluírem os estudos, e – por que não? –, sonharem com a universidade. Hoje, o professor de Química e coordenador de Formação e Aprendizagem Cooperativa da Pró-Reitoria de Pós-Graduação (Prograd)/ Universidade Federal do Ceará, Manoel de Andrade, ainda se surpreende com os resultados do programa iniciado por ele na pequena localidade de Cipó, a 103 km de Fortaleza.

Atualmente, o Programa de Educação em Células Cooperativas (Prece)

conta com 13 Escolas Populares Cooperativas (EPCs). Cerca de três mil estudantes de origem popular participaram ou são alunos do programa, que contribuiu para a aprovação de cerca de 350 estudantes no vestibular. Dentre os ex-alunos do Prece, 12 ingressaram na pós-graduação.

O que fez a diferença? Adriano da Silva, um dos primeiros alunos e hoje geógrafo, participante da EPC Fortaleza, conta que o estímulo era ter alguém acreditando nele e nos colegas. “Era o Andrade chegar, no fim de semana, e dizer que ia dar certo. Quando o Tony (Antônio Alves Rodrigues, primeiro lugar do curso de Pedagogia em 1996) passou, foi uma festa, chamaram até

cantadores. Daí pra frente, todo ano aumentava”.

Na metodologia utilizada, os alunos mais adiantados agem como facilitadores para os iniciantes, num processo de aprendizagem cooperativa e solidária. Ao serem aprovados nas universidades, os estudantes precistas retornam a suas comunidades de origem para incentivar outros jovens a se envolverem com os estudos e com o desenvolvimento de suas próprias localidades.

Em 1994, foi formada a primeira célula de estudo cooperativo, sendo Andrade o facilitador. Nos primeiros anos, a iniciativa se chamava Projeto Coração de Estudante (Prece), sendo registrada em 1998 como projeto

educacional na Pró-Reitoria de Extensão da UFC. Em 2003, foi criada pelos estudantes a ONG Instituto Coração de Estudante, entidade captadora de recursos, que gerencia outros programas, além do Prece. Dois anos depois, o então projeto passou a se chamar Programa de Educação em Células Cooperativas.

Conforme o coordenador, os resultados trazidos pela iniciativa são surpreendentes a partir da descoberta do valor do lugar de origem pelo estudante, e a importância de cada um deles para sua própria comunidade. “As pessoas têm a tendência de se esquecerem de onde vieram, por causa das dificuldades. Aqui, mudar de vida não significa abandonar as raízes, é uma ideia não obrigatória, mas que funciona”.

Para Andrade, a beleza do Prece é que o programa “consegue pegar estudantes aparentemente sem valor para uma comunidade e transformá-los em agentes qualificados para o desenvolvimento local, através de uma metodologia ativa, onde o estudante é o ator dentro do processo de educação”.

Como parte das comemorações de 15 anos do programa, foi realizada uma audiência pública na Assembleia Legislativa do Estado do Ceará, no dia 16 de junho, para discutir e parabenizar o Prece pelos resultados atingidos. Adriano adianta que estão sendo programados debates, nas comunidades, sobre o programa e a educação pública. Ele afirma que, em dezembro, Pentecostes será palco de uma grande festa.

O Prece e as histórias de quem transformou sua própria vida



José de Paula Firmiano (José Alfredo), estudante de Geografia

Conhecido como seu José Alfredo, o estudante mora na comunidade da Boa Vista, situada a 6 km de Cipó e a 30 km de Pentecostes, na margem nascente do rio Canindé.

Era muito complicado me deslocar com o rio cheio. Fui a pé, de canoa, de carona, de todo jeito. E vir para a universidade foi um trabalho que só deu certo porque acreditei que era possível. Eu não pensava em ser universitário, mas tinha sede de estudar mais. Participando do programa, passei a me ver na universidade. Eu tinha 43 anos e passei no mesmo vestibular que minha filha, de 23 anos, em 2004. Uma coisa muito importante é poder contribuir para a minha família estudar. Tenho oito filhos, uma graduada e dois na universidade. Meu filho mais novo, Fernando, já diz o que quer estudar. Ele vai ser veterinário. Isso é gratificante. Antes, eu conhecia apenas dois universitários. Hoje, as pessoas humildes têm a chance de ter filhos com mestrado. Poucos programas no mundo conseguem isso.



Raimundo Nonato, mestrando em Linguística Aplicada

Apaixonado pelo que faz, o estudante reconhece o sentimento telúrico como fator transformador de realidades.

No Interior, há um paradigma muito forte de que faculdade é para rico. O Prece quebrou isso, mostrou que a universidade pública e gratuita é possível. Meu pai é pescador, e filho de pescador passar no vestibular é um estímulo, faz outros da comunidade acreditarem neles mesmos. Sempre penso em como transformar o que eu estudo em algo útil para a minha comunidade. E ser agente dessa história é gratificante, estimulante, provocante. É uma forma de fugir à mediocridade, desenvolvendo o que a gente chama na literatura de telurismo, o apego à terra. 🍏



Uma parceria que dá certo

Há 15 anos, a Petrobras apoia projetos de pesquisas na UFC. Nos últimos nove anos, foram investidos R\$ 24,5 milhões na Universidade, através de estudos em áreas como petróleo, energias renováveis e meio ambiente

Não bastasse a tão sonhada usina siderúrgica que, até 2014, deverá ser instalada no Ceará, outros dois empreendimentos deverão alavancar o desenvolvimento do Estado nos próximos anos: a refinaria de petróleo Premium II, da Petrobras, e a usina termelétrica Energia Pecém – das empresas MPX (brasileira) e EDP (portuguesa). Garantidas as obras, surgem novos desafios: formar mão-de-obra qualificada e, ainda, fomentar pesquisas que aperfeiçoem os serviços prestados.

A Universidade Federal do Ceará contribui para as duas tarefas e, há 15 anos, conta com uma importante parceira nessa empreitada: a Petrobras. Atualmente, mais de dez laboratórios funcionam na UFC com apoio da empresa. Nesses núcleos, são desenvolvidas pesquisas em áreas como petróleo, gás natural, energias renováveis, meio ambiente e transportes.

A parceria entre UFC e Petrobras começou em 1994, através de pequenas pesquisas conjuntas. Hoje, além de infraestrutura laboratorial – entre prédios e equipamentos –, a Petrobras também financia bolsas de estudos a centenas de estudantes de graduação e pós-graduação, em especial do Centro de Tecnologia e Centro de Ciências. Os ganhos aparecem em via de mão dupla: enquanto a Universidade é beneficiada através do aumento da produção científica e da formação de novos cientistas, a Petrobras também garante avanços na criação de novos produtos, na melhoria dos serviços prestados, na resolução de problemas do dia-a-dia e no acompanhamento ambiental de

suas atividades.

O vínculo se dá através do Centro de Pesquisa e Desenvolvimento Leopoldo Américo Miguez de Mello (Cenpes) da Petrobras – maior núcleo de pesquisas da América Latina, composto por mais de 1.500 estudiosos e técnicos (entre doutores, mestres e graduados). Cerca de 100 instituições de todo o País estão ligadas ao Cenpes – dentre elas a UFC, que, nos últimos nove anos, recebeu um total R\$ 24,5 milhões em investimentos da Petrobras, por meio de 54 projetos de pesquisas.

Além do apoio direto à Universidade, a instituição também dedica recursos ao Núcleo Experimental de Fortaleza (NUEF) – um dos cinco grupos de pesquisa que o Cenpes mantém integralmente fora do Rio de Janeiro. Dos 15 profissionais que formam a equipe do NUEF, oito são da UFC. O Núcleo está estrategicamente localizado na Lubnor – Lubrificantes e Derivados de Petróleo do Nordeste (refinaria da Petrobras em Fortaleza) –, com o objetivo de aproximar as pesquisas às unidades industriais. A ideia facilita a aplicação imediata dos resultados dos estudos. Até agora, cerca de R\$ 13 milhões foram investidos no grupo.

Descobertas

A sinergia entre UFC e Petrobras tem rendido vários frutos – muitos deles reconhecidos nacionalmente. Um bom exemplo vem do Departamento de Química Orgânica e Inorgânica, através do Laboratório de

Biolubrificantes. Após três anos de estudos, a equipe de pesquisadores coordenada pela Prof^a Izaura C. N. Diógenes descobriu como transformar o ácido ricinoléico presente na semente da mamona – fruto típico do Nordeste brasileiro – em óleo biolubrificante. Em 2007, o grupo conseguiu sintetizar 16 moléculas do produto, que, após vários testes de viabilidade e novas pesquisas, poderá ser utilizado em máquinas industriais de grande porte, aviões etc.

As vantagens dos biolubrificantes de origem vegetal são muitas. Formulados a partir de fontes renováveis e biodegradáveis, os fluidos não poluem o meio ambiente, mantendo as boas propriedades de lubrificação. Além disso, há ganhos para o desenvolvimento socioeconômico do Ceará, já que o cultivo da mamona pode estimular o trabalho de agricultores nordestinos.

As pesquisas sobre o tema envolvem outros laboratórios da UFC – em especial, o de Combustíveis e Lubrificantes, vinculado ao Departamento de Engenharia Química. Coordenado pelo Prof. Célio Loureiro, o grupo estuda formas de tornar o biolubrificante a base de mamona viável comercialmente. Até 2010, os dois laboratórios estarão ainda mais interligados, a partir da construção do Núcleo de Pesquisas em Lubrificantes Prof. Ícaro de Sousa Moreira (NPL-ISM) – que irá reunir todos os estudos da área em uma única instalação. Também com financiamento da Petrobras, a construção é estimada em R\$ 1,1 milhão e deverá ser finalizada no início de 2010.



Monitoramento ambiental feito em torno dos navios FPSO's, no Espírito Santo, pelo Laboratório de Dinâmica Costeira

Monitoramento ambiental

Além dos produtos ecologicamente corretos, a UFC atua com ações de monitoramento ambiental em todo o Brasil, em parceria com a Petrobras. Parte das iniciativas é desenvolvida pelo Laboratório de Dinâmica Costeira, vinculado ao Instituto de Ciências do Mar (Labomar). A cada seis meses, uma equipe de técnicos, pesquisadores e estudantes viaja ao Espírito Santo para realizar, durante 15 dias, toda a avaliação marítima no entorno de 37 FPSO's (Floating Production Storage and Offloading) – tipo de navio utilizado pela indústria petrolífera para extração, armazenamento e escoamento do insumo.

O acompanhamento é necessário para medir o impacto ambiental das atividades de extração do petróleo, evitar possíveis acidentes e subsidiar pesquisas que visem à minimização dos efeitos da indústria sobre o oceano. Atenta a isso, a Petrobras começou a investir no Laboratório em 2004. Sob a coordenação do Prof. Luís Parente, do Labomar, são avaliadas, semestralmente, as características físicas e químicas da água do mar, a composição dos sedimentos e as comunidades planctônicas da região.

Só em 2008, foram realizadas 8.770 análises, entre níveis de transparência e Ph da água do mar, quantidade

de oxigênio e carbono dissolvidos, composição e frequência de ocorrência da fauna etc. No mesmo ano, a equipe passou a acompanhar também os impactos ambientais do primeiro poço de petróleo na camada pré-sal – o poço P-103, no Espírito Santo.

A coleta de material para análise, realizada pelo Laboratório de Dinâmica Costeira, acaba subsidiando os estudos de um outro núcleo de pesquisa, o Laboratório de Zoobentos, também do Labomar. Seu objetivo é estudar possíveis interferências da exploração petrolífera na fauna marinha. Ao longo das atividades, várias surpresas vieram à tona. O grupo, coordenado pela Prof^a Cristina de Almeida Rocha, acabou descobrindo pelo menos três novas espécies de crustáceos, jamais catalogadas antes pela ciência.

Também foram identificados vários registros de ocorrências de animais que, conforme descreviam as publicações científicas, não compunham a fauna da região. A professora destacou que, atualmente, há várias espécies em análise, também suspeitas de serem inéditas na ciência.

Ainda no ramo do monitoramento ambiental, o Labomar tem outros dois laboratórios importantes: o de Biogeoquímica Costeira e o de

Ecotoxicologia. O primeiro atua no combate à contaminação nas áreas de entorno de postos de combustíveis e campos petrolíferos. Os alvos das pesquisas são os compostos químicos BTEX (Benzeno, Tolueno, Etil-Benzeno e Xilenos) e HPA's (Hidrocarbonetos Polissíclicos Aromáticos) – que podem ser liberados no meio ambiente durante a exploração e produção de combustíveis fósseis, caso não haja monitoramento adequado.

Os BTEX e HPA's podem ser encontrados no solo, subsolo e até mesmo em rios e mares, carregados pela água da chuva. Muitas vezes, a contaminação se dá por vazamentos em postos de combustíveis com problemas de manutenção, por exemplo. Já o Laboratório de Ecotoxicologia reforça e complementa as competências na área de proteção ambiental, através de análises de toxinas que possam agredir os organismos aquáticos.

Do mar para a terra

Apesar de grande parte das atividades da indústria petrolífera ocorrer sobre as águas, os impactos também são vistos em ambiente terrestre e, por isso, exigem acompanhamento.

Na UFC, a equipe do Laboratório de Geofísica de Prospecção e Sensoriamento Remoto (LGPSR), vinculado ao Departamento de Geologia, atendeu para a necessidade. Com apoio da Petrobras e outros parceiros, o grupo desenvolve o Projeto Geofamb – responsável por monitorar áreas suscetíveis à contaminação por petróleo e seus derivados.

O trabalho é feito em camadas profundas do subsolo – onde só a geologia é capaz de atuar. A tarefa dos pesquisadores e bolsistas atualmente envolvidos no Projeto é realizar diagnósticos e detectar eventuais focos de poluição. Pesquisas em busca de água para a indústria do petróleo e para a geração de vapor durante a extração do produto também são desenvolvidas.



Equipe do Projeto Geofamb detecta possíveis focos de poluição pela indústria petrolífera, além de buscar água utilizada no processo de extração de petróleo

Novos procedimentos e ferramentas

Mas para quem pensa que a preocupação com o meio ambiente só aparece em forma de monitoramento, o Centro de Tecnologia da UFC mostra que é possível contribuir para o setor por outros caminhos. O desenvolvimento de equipamentos, produtos e materiais ecologicamente corretos é um deles. Bom exemplo vem do Laboratório de Mecânica dos Pavimentos (LMP), ligado ao Departamento de Engenharia de Transportes. Lá, pesquisas em torno da adição de substâncias naturais em misturas asfálticas – compostas, em boa parte, por derivados do petróleo – são realizadas para melhorar a qualidade da pavimentação de estradas brasileiras.

O grupo, que tem na coordenação a Prof^a Verônica Castelo Branco, estuda o uso da fibra do coco e da castanha de caju, por exemplo, na produção de pavimentos. Ao longo dos últimos anos, o LMP também desenvolveu o primeiro aparelho simulador de tráfego laboratorial fabricado nacionalmente (em parceria com a empresa ARMTEC), baseado no modelo francês que, até então, era importado por instituições brasileiras.

O equipamento é usado em testes de desempenho de pavimentos, já que simula, em pequena escala, a passagem de veículos sobre o asfalto. Além de baratear o custo com a aquisição, o

instrumento produzido pelo LMP com apoio da empresa de robótica também diminui os gastos com manutenção.

O Laboratório de Mecânica de Pavimentos pesquisa novos componentes para misturas asfálticas compostas por derivados do petróleo



Fabricação de materiais

A exemplo do LMP, outros laboratórios se dedicam à fabricação de ferramentas com alto valor agregado, úteis à indústria petrolífera. O objetivo é descobrir fórmulas que tornem os equipamentos mais resistentes, evitando-se, assim, falhas e problemas técnicos – o que paralisa a produção e causa grandes prejuízos. O Laboratório de Engenharia de Soldagem da UFC (Engesolda), por exemplo, trabalha para melhorar os procedimentos de soldagem, usados nas atividades de manutenção dos equipamentos. Isso porque o aquecimento de parte dos equipamentos durante a solda pode causar alterações metalúrgicas indesejáveis, tornando determinadas regiões enfraquecidas e diminuindo a vida útil da máquina. Por isso, o Engesolda estuda formas de não apenas melhorar os procedimentos de soldagem, mas também de tornar as máquinas mais resistentes à corrosão.

Em parceria com o grupo, atua o Laboratório de Caracterização de Materiais (Lacam), responsável pelas análises das propriedades físicas, químicas e mecânicas dos materiais em estudo. O Lacam também se dedica a pesquisas sobre o processo de transformação e degradação das substâncias, subsidiando as iniciativas que visam aumentar a durabilidade das máquinas.

O primeiro projeto desenvolvido entre o Lacam e a área de petróleo, datado de 2001, foi originado na Lubnor e consistia no “Estudo da Sensitização de Aços Inoxidáveis (AISI) 3212 Operando em Refinarias de Petróleo”. O trabalho assinado pelo então mestrando Marcelo José Gomes da Silva, hoje professor da UFC, estudou formas de minimizar alterações metalúrgicas em materiais constantemente aquecidos por soldagem e outros processos.

Com o mesmo desafio, mas utilizando-se de métodos diferenciados, o Centro de Ensaios Não-Destrutivos da UFC recebe investimentos da Petrobras para desenvolver procedi-

mentos de manutenção preventiva de equipamentos, sem causar nenhum impacto em sua estrutura e sem gerar prejuízos pelo desligamento das máquinas. Exemplos de ensaios não destrutivos são a ultra-sonografia, radiografia e emissão acústica. O objetivo é identificar padrões nos sinais obtidos através desses “exames” – o que pode facilitar a caracterização do estado de degradação dos materiais.

Uma segunda vertente do Laboratório de Ensaios Não-Destrutivos está relacionada ao desenvolvimento de ferramentas de automatização das atividades de inspeção. A proposta é diminuir a interferência humana na manutenção, reduzindo também a possibilidade de erros. Nesse sentido, vários “robôs” já foram fabricados pelo grupo, como o Carina (Carro de Inspeção Automática), capaz de monitorar possíveis descontinuidades na estrutura interna de cordões de solda, e o Eva (Equipamento de Varredura Automática), um posicionador de peças também responsável por inspecionar determinados equipamentos.

Através de todos esses núcleos de pesquisa, a UFC, com apoio da Petrobras, vem dando grandes saltos na produção científica na área de tecnologia. Em todos os grupos, também estão presentes parceiros como a Financiadora de Estudos e Projetos (Finep), o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), a Agência Nacional de Petróleo (ANP), a Associação Técnico-Científica Eng.º Paulo de Frontin (Astef), a Fundação Cearense de Pesquisa e Cultura (FCPC) e a Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico (Funcap). 

PRESENCIA AMPLIADA

Criação de novas vagas, ampliação da infraestrutura, consolidação do ensino semipresencial e abertura de novos cursos de graduação na Capital e no Interior. Não é preciso enxergar longe para perceber que a Universidade tem crescido em todos os sentidos

por Simone Faustino

Fôlego novo e ampliação de oportunidades. A Universidade Federal do Ceará volta às atividades no semestre 2009.2 com a certeza dessas duas premissas para o próximo ano. Foram aprovados 19 novos cursos de graduação, que serão ofertados já no Edital do Vestibular 2010. A primeira leva é formada por Artes Cênicas, Ciências Ambientais, Cinema e Audiovisual, Comunicação Social – Jornalismo (Campus do Cariri), Design de Produto, Educação Musical, Engenharia de Materiais, Engenharia de Software, Finanças, Fisioterapia, Gastronomia e Redes de Computadores. Na segunda, estão presentes Biotecnologia, Engenharia Ambiental, Engenharia de Energias Renováveis, Engenharia de Petróleo, Letras – Espanhol, Letras – Inglês (noturno) e Sistemas e Mídias Digitais.

O Conselho Universitário, instância máxima deliberativa da Universidade, foi responsável pela aprovação, nos dias 23 e 30 de julho, dos projetos pedagógicos dos cursos, analisados e aprovados anteriormente no Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CEPE).

Somam-se a essas novidades os já implantados cursos de Oceanografia (em funcionamento desde 2008), Ciências Sociais – Noturno e Engenharia de Teleinformática – Noturno (abertos em 2009). Somente esses três agregaram 130 vagas a mais na oferta da UFC, que chega a 5.444, depois da criação dos 19 cursos aprovados. “É um momento especial da história das universidades fe-

derais brasileiras e o maior processo de expansão em bloco dessas instituições já ocorrido. De um lado, devemos atribuir essa oferta de cursos à política educacional do Governo Federal e, de outro, é necessário reconhecer que se trata de um forte processo de inclusão social”, afirma o Pró-Reitor de Graduação da UFC, Custódio Almeida.

Expandindo de forma contínua, porém cuidadosamente planejada, a sua oferta de vagas, a UFC está avaliando a implantação, para o vestibular 2011, dos cursos de Matemática Industrial (Centro de Ciências), Produção Cênica e Produção Audiovisual (ICA) e Engenharia Oceânica (Labomar). Somando todas as novas graduações, a UFC, ao fim do projeto Reuni, terá criado 27 cursos: três em 2009, 19 em 2010 e cinco em 2011.

O ensino semipresencial, que já conta com uma unidade acadêmica própria, o Instituto UFC Virtual, também teve mais dois cursos aprovados no Consuni: Licenciatura em Pedagogia e Bacharelado em Administração Pública. Ambos fazem parte do leque de opções a distância oferecidos pela UFC, que já conta com Licenciaturas em Física, Letras (Português, Inglês e Espanhol), Matemática e Química, além de um Bacharelado em Administração. Cerca de 2.693 alunos estão regularmente matriculados nos cursos existentes da modalidade. Já os novos cursos, cuja quantidade de vagas está em definição, devem ser ofertados apenas no Vestibular 2011. Fica claro,

nesse contexto, o desejo da UFC: “Fortalecer a educação a distância, com o sonho de chegar aos 10.000 estudantes em 2012”, vislumbra o Reitor da UFC, Jesualdo Farias.

Com relação à pós-graduação, a meta de aumentar em 20% a quantidade de mestrados e em 30% a de doutorados já não é mais preocupação. Ela foi cumprida neste ano pela UFC, que vem tendo um histórico vertiginoso de crescimento também na pesquisa. Em 2008, iniciaram suas atividades 10 cursos de pós-graduação (sendo um no interior); em 2009, mais nove cursos foram criados e, para 2010, já estão previstos mais sete (quatro para Fortaleza e três para o interior).

O suporte financeiro é garantido por recursos do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), que destinou à UFC R\$ 175 milhões para custeio e R\$ 69 milhões para investimentos. As verbas envolvidas serão destinadas à construção de instalações físicas para os novos cursos e unidades acadêmicas

criados, contratação de professores e servidores, além de intervenções em cursos já existentes.

Há também um esforço de reposição de vagas para professor efetivo. A queda progressiva no número de professores substituídos comprova a oferta. Em 2008, foram criadas 100 vagas para professores efetivos em regime de dedicação exclusiva, somente para a Capital. Novas vagas de Expansão/Reuni para professores efetivos em Fortaleza também foram criadas, em um total de 58, todos já empossados. Em 2009, a meta é chegar à marca de 81 docentes contratados. Os recursos humanos docentes da UFC crescerão de 1.322 (número em 2007) para 1.637 no final de 2009. Quanto a servidores técnico-administrativos, a demanda está sendo igualmente preenchida. Em 2008, ingressaram 145 servidores. Já neste ano, estão em andamento ou foram aprovadas as contratações de 93 servidores.

Intervenções de ordem física também vêm sendo executadas. Quarenta obras estão em andamento na UFC, como, por exemplo, a construção de novo prédio para abrigar os cursos de Psicologia

e Biblioteconomia (em finalização) e de um novo bloco didático para as Casas de Cultura Estrangeira, no Centro de Humanidades. Os recursos são do programa. “Tudo isso vem sendo feito para atender essas demandas históricas, sem condicionar à adesão ou não ao Reuni. É uma política interna de expansão e de solução de problemas”, declara o Reitor.

O mesmo vem sendo feito no interior, cujos campi têm se transformado em verdadeiros canteiros de obras. Contudo, políticas específicas têm de ser pensadas, para adequar as regiões assistidas à realidade de uma instituição federal de ensino superior. “Estará sendo definida, em breve, uma política de assistência estudantil para o interior do Estado, e cada região terá o seu modelo próprio”, adianta Jesualdo Farias.

Breve resgate

A história da expansão da UFC começou a ser escrita ainda na segunda gestão do ex-Reitor Roberto Cláudio Frota Bezerra (1999-2003). Discutia-se a implantação do Programa de Saúde da Família, e a carência de profissionais médicos, especialmente no Interior do Estado, já era notada. A criação de cursos de Medicina fora de Fortaleza surgiu como alternativa eficiente para suprir essa demanda por médicos no sistema de saúde pública e, ao mesmo tempo, para saldar a dívida da UFC com o Interior do Estado.

O ex-Reitor sempre defendeu que a abertura de cursos de Medicina era empreitada de grande complexidade. “Mesmo assim, preparamos um projeto de curso, onde foram simuladas, ao longo do tempo, a necessidade de docentes, de equipamentos e a construção de infraestrutura. Foram esforços conjuntos de várias instâncias, e os cursos iniciaram suas atividades em 2001. Em 2007, tive a felicidade de participar das colações de grau das primeiras turmas”, relata o Prof. Roberto Cláudio.

Ele conta que, antes mesmo dessa iniciativa, a UFC havia estreitado relações com o Interior, amparando a criação do curso de Direito da Universidade Estadual Vale do Acaraú, em Sobral. Com o suporte pedagógico da UFC, o apoio financeiro da Prefeitura de Sobral e a participação ativa de lideranças políticas e religiosas locais, o curso foi criado e incubado pela UFC para, três anos depois, ser definitivamente assumido pela UVA. “O mais gratificante é que, em 2002 e 2003, os alunos foram submetidos ao Provão, obtendo conceito A. Essa foi a primeira experiência de interiorização da UFC, onde usamos nossa autonomia acadêmica para criar um

curso em outra parte do Estado”, conta o ex-Reitor.

De acordo com o Reitor da UFC, Jesualdo Farias, a expansão empreendida naquela época, bem como a abertura dos cursos de Medicina, foram grandes empreendimentos. “Não havia políticas públicas específicas para expansão, nem financiamento, nem vagas para professor ou servidor”, afirma.

Com o Governo Lula, ficou clara a intenção de expandir o número das universidades federais, estendendo-as a diversos pontos da geografia dos estados brasileiros. Na verdade, tratava-se de um projeto estruturado e definido como proposta ainda na campanha eleitoral. “O Presidente Lula acenou que era desejo dele levar o ensino superior público para o Interior do Brasil. Foram disponibilizados recursos e vagas, estabelecendo uma política, que culminou com o Reuni”, acrescenta Jesualdo Farias.

Dando um salto no tempo, chegamos a 2006, na gestão do ex-Reitor e hoje Secretário da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior do Ceará, René Barreira. No segundo semestre daquele ano, foram inaugurados os Campi da UFC no Cariri e em Sobral, ideias gestadas há tempos pela administração superior da UFC e viabilizadas graças ao apoio dos governos Federal e Estadual, bem como das prefeituras dos municípios envolvidos. Cinco cursos somaram-se aos de Medicina já implantados.

No ano de 2008, o Reitor Ícaro Moreira, falecido em abril do ano passado, esteve à frente da implantação do Campus de Quixadá, onde já funciona o curso de Sistemas de Informação. Assiste-se, desde então, ao crescimento da estrutura da UFC em seus campi no Interior, à interação da mesma com a sociedade nesses locais, ao surgimento de projetos, pesquisas e mercados novos. O otimismo e a certeza de sucesso permeiam todo o processo, como reforça o Secretário René Barreira: “Tenho assistido a essa expansão com senti-



Cerca de mil alunos estudam, hoje, na UFC, no Cariri. A expansão da Universidade renovou sonhos de jovens como Cícera Fernandes (no detalhe). A vendedora de sorvetes é, agora, aluna de Administração



mento de orgulho, após o término da minha gestão. Com o nascimento do Campus de Quixadá e a consolidação dos dois primeiros campi, tenho a certeza de que essas iniciativas são fundamentais para a inclusão e a democratização das formas de acesso ao ensino superior público”.

A Pós-Graduação é outra vertente em franco crescimento. Quando a UFC chegou ao Interior, levou consigo a pesquisa, pois grande parte dos professores são doutores. A instalação do campus gerou enorme impacto no ponto de vista da produção de conhecimento. “Gerou rapidamente também o surgimento de cursos de pós-graduação, como aconteceu em Sobral, com a criação do Curso de Mestrado em Biotecnologia. Já estão planejados para 2010 mais dois mestrados, um no Cariri e outro em Sobral. E temos ainda a extensão, que tem um impacto bem visível no Interior”, enumera o Reitor Jesualdo Farias.

Mudanças ao Sul...

A região do Cariri vive hoje uma efervescência comparável ao fluxo dos pagadores de promessas para o “santo” do povo, Padre Cícero. A Faculdade de Medicina de Barbalha deu início ao processo em 2001, com a instalação (simultânea com o município de Sobral) dos primeiros cursos de Medicina fora da Capital.

Em 2006, foram criados novos cursos para a região, configurando definitivamente o Campus da UFC no Cariri. A população, antes servida pela Universidade Regional do Cariri (Urca), instalada em 1960, e por algumas faculdades particulares, tinha à sua disposição novas opções, com o respaldo da instituição federal: Administração, Agronomia, Biblioteconomia, Engenharia Civil e Filosofia.

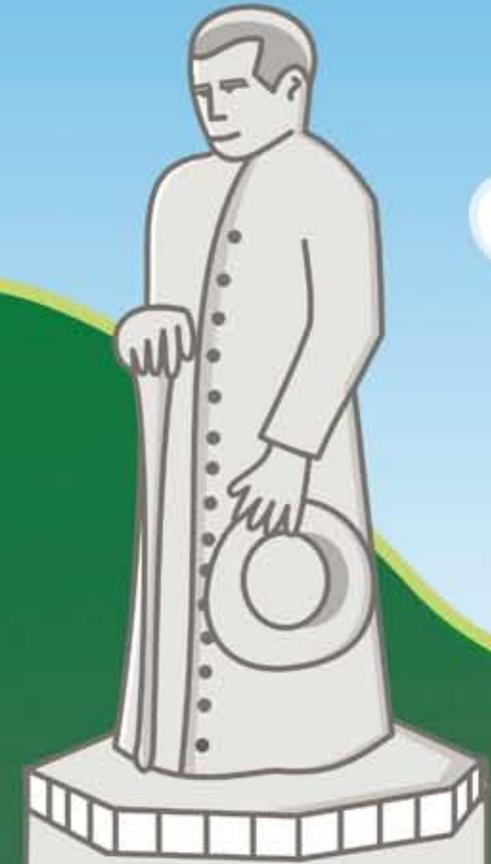
Mas não mudam somente as opções de graduações, como também o horizonte de oportunidades. O setor imobiliário vive uma notória expansão. De tijolo em tijolo desenha-se um novo Cariri. “Com a qualificação do público consumidor, estimulou-se a construção civil, com apartamentos novos para acolher esses estudantes que vêm chegando. Na

Lagoa Seca (bairro onde está sendo construída a sede do campus), a cidade começa a crescer de forma vertical, o que é bem interessante”, afirma o Prefeito de Juazeiro do Norte, Manoel Santana.

“O impacto econômico e social é imediato. Em uma região como o Cariri, com a chegada de um grupo de 150 professores, que se mudam para lá com suas famílias, e de cerca de 1000 estudantes, que se estabelecem durante quatro ou cinco anos, há uma injeção de recursos que se reflete em fortes mudanças”, acrescenta o Reitor Jesualdo Farias. Outro florescimento claro é no campo do conhecimento. Já completamente integrados à região, os cursos da UFC desenvolvem projetos e pesquisas que visam contribuir para o desenvolvimento econômico e a preservação da memória local. A ideia do Centro de Pesquisa e Pós-Graduação do Semiárido, a ser instalado em Barbalha, é trabalhar o sertão como um bioma rico em alternativas. “As pesquisas irão priorizar o estudo desse bioma não só do ponto de vista biológico. A proposta é tratar o semiárido de forma integrada, juntar os conhecimentos de pesquisadores de diversas áreas que a gente tem aqui para tratar não só da natureza, mas das relações sociais e produtivas”, explica a coordenadora, Suely Chacon.

A questão da memória será assegurada pelo Centro de Referência em Ciências da Informação, gerido pelo curso de Biblioteconomia. Imenso acervo documental sobre a história e o povo do Cariri está sendo reunido. Já o curso de Administração, através do Núcleo de Estudos em Responsabilidade e Marketing Social (NERMS) e do Laboratório Interdisciplinar de Estudos de Gestão Social (LIEGS), estimula iniciativas de responsabilidade social e prestação de serviços, além da incubação de empreendimentos populares e cooperativismo.

Descortina-se um futuro diferente para muita gente nascida e criada no Cariri, como Cícera Fernandes, 24, estudante do curso de Administração da UFC. Nascida no Crato, a jovem e



os seis irmãos cresceram ajudando os pais na venda de sorvetes caseiros e no trabalho na roça. A gravidez não planejada, aos 19 anos, poderia ter atrapalhado seus planos, mas a reação foi diferente. “Fui vender salada de frutas, porque era a única coisa que eu sabia fazer. Tudo começou a mudar completamente, pois passei a ter um dinheiro meu”. O negócio foi incrementado com a venda de salgadinhos, que eram vendidos nas empresas localizadas no bairro onde mora. A entrada na graduação só acendeu o espírito empreendedor de Cícera, que, estimulada pelos colegas de turma, concorreu e venceu licitação para a cantina do Campus da UFC.

Assim como ela, irmãos e primos venceram as dificuldades e chegaram ao ensino superior. Os sonhos são muitos, assim como seu extenso cardápio na “miniempresa”. “Quero fazer produtos para revenda em mer-

cantil e vender congelados também. Hoje, vendo almoço, sorvetes, milkshakes, sanduíches, salada de frutas, sopas. Com a faculdade, vai melhorar muito. Vou poder me organizar melhor, contratar mais gente e tornar um negócio mesmo”, diz, orgulhosa.

...E boas novas ao Norte

Na região diametralmente oposta, está localizada a “Princesa do Norte”, apelido carinhoso que os cearenses deram à cidade de Sobral. Lá, o destino de muitas pessoas mudou com a chegada do curso de Medicina, em 2001, e de mais cinco cursos, quando a UFC se estabeleceu de fato (Ciências Econômicas, Engenharia da Computação, Engenharia Elétrica, Odontologia e Psicologia). Segundo o Diretor do Campus de Sobral, Prof. Sérgio Benevides, o processo de expansão e interiorização da UFC torna reais os sonhos de um futuro melhor para muitos cearenses. “E ainda traz o progresso a cidades como essa. Temos tido uma ajuda muito grande, tanto do Governo do Estado quanto da Prefeitura Municipal de Sobral. São dois parceiros fundamentais. Se não fosse com a ajuda deles, isso aqui não aconteceria”, explica.

Mas não é preciso intervenção do poder público diretamente. Sobral tem se modificado dia-a-dia, transformando-se em cidade universitária. O comércio local e o mercado imobiliário tiveram reflexos imediatos. “Você, dando uma volta pelo Centro da cidade, vai perceber que hoje nós temos muitas lojas grandes e famosas, de marcas cearenses e nacionais. Essa expansão visa principalmente aos estudantes e professores de fora, que se mudaram para cá”, afirma o Presidente da Câmara dos Dirigentes Lojistas de Sobral, Deoclécio Frota.

O crescimento é visto também do ponto de vista da construção civil. Segundo Bertoldo Coelho, proprietário de imobiliária atuante há 24 anos em Sobral, há uma procura exponencial

por imóveis pequenos, novos e localizados em áreas centrais, próximas aos campi da UFC e da Universidade Estadual Vale do Acaraú (que desde 1968 oferta cursos de graduação e pós-graduação no município). “A busca é principalmente por locação, o que sinaliza que é uma estadia temporária para muitos deles”, conta o empresário. Os ramos de alimentação e entretenimento também foram afetados e, hoje, é possível dizer que Sobral tem uma vida noturna bem agitada. Só que o dia de diversão é a quinta-feira (conhecida como “Quinta sem Lei”), pois nos fins de semana boa parte da população retorna à sua cidade natal.

Gente que veio de fora é o que não falta. É o caso da Coordenadora do curso de Odontologia da UFC, Profª Iriana Zanin, que fez a rota “Interior de São Paulo – Sobral”, para continuar a carreira acadêmica após o término do pós-doutorado. Ela foi selecionada na primeira leva de professores concursados para o campus, mas, ao contrário do que se pensaria, não teve dificuldades de adaptação. “Tudo o que as pessoas acham ruim aqui é justamente o que eu acho bom. Gosto muito de cidade do interior, de não ter trânsito, de parar e conversar com as pessoas na calçada. Morei em São Paulo e demorava uma hora e meia para chegar no trabalho. Foi uma opção pessoal”, relembra a professora.

Do mesmo jeito, tem gente “da terra” beneficiada com a chegada da UFC. Nathan Albuquerque é estudante de Ciências Econômicas da UFC, nascido no município e ex-aluno da Escola Estadual Prof. Luis Felipe, no bairro Junco. Mas há um detalhe sobre sua trajetória, descoberto só depois de uma boa conversa: não foi fácil entrar na instituição. As dificuldades financeiras eram constantes, pois a mãe, auxiliar de enfermagem, criou sozinha o irmão, hoje com 17 anos e ele, com 19. Os obstáculos vividos no período pré-vestibular também não foram poucos, já que o estudante só possuía dois livros didáticos e conseguia os demais emprestados de colegas. Para completar,



A instalação da UFC em Sobral atraiu novas lojas e incrementou o comércio da cidade



perdeu o período de isenção da taxa de inscrição do vestibular, tendo pedido dinheiro emprestado a um tio para fazer a prova.

Só que ele conseguiu. Nathan orgulha-se da sua 17ª colocação no vestibular e de já estar indo para o quinto período. Diz adorar o curso, mas continua se deparando com obstáculos. “Senti o impacto, principalmente no primeiro período, por causa das matérias de cálculo. A partir daí, eu passei a ter um ritmo de estudo maior. Também não tenho nenhum livro da faculdade, ainda. Essa é a dificuldade maior. Sem falar que, até para cópias, você tem que ter um dinheiro guardado”, conta o estudante.

O universitário é o exemplo para a família e estimulou até o irmão mais novo, Nathanael, a tentar Psicologia na UFC. Ele, que teve o privilégio de estudar do pré-escolar ao Ensino Superior no município onde nasceu, não tem medo de ampliar fronteiras, assim como fez a Universidade que o acolheu. “No campo da Economia, acho que não é tão fácil permanecer aqui. Eu, quando me formar, vou para onde tiver emprego”, antecipa.



O ingresso de Nathan Albuquerque (de preto), no curso de Economia, em Sobral, incentivou irmão a investir nos estudos



Filho de agricultores, Adriano Dodó trocou Ocara por Quixadá onde estuda Sistemas de Informação

No coração do Ceará

Ela é famosa pela sua formação geológica inusitada, a Pedra da Galinha Choca, e pelas condições de altura e vento adequados à prática do vôo livre. A cidade de Quixadá, no Sertão Central, também está apta a voar mais alto, depois que a UFC fincou raízes em seu solo. Em 2008, foram iniciadas as aulas do Bacharelado em Sistemas de Informação, único curso, por enquanto, no Campus da UFC em Quixadá. A pedra fundamental das obras da sede própria, que está sendo construída em terreno no caminho para do açude Cedro, foi lançada pelo Reitor Ícaro Moreira e pelo Presidente Lula.

A ênfase na área de Tecnologia da Informação não é por acaso. A ideia é transformar a região, com a agregação de novos cursos desse campo, em pólo de referência em tecnologia e computação. O curso de Sistemas de Informação (já com três turmas diurnas) em breve contará com a companhia dos cursos de Redes de Computadores e Engenharia de Software, com instalação prevista para 2010.

Localizada no coração do Ceará, tal como esse órgão que recebe fluxo sanguíneo de outras partes do corpo, Quixadá vem recebendo fluxo de estudantes de regiões próximas (ou não), em busca de formação na área tecnológica. Um deles é Adriano Alves Dodó, de 25 anos, natural do município de Ocara e aluno da primeira turma de Sistemas da Informação, hoje no 5º período. Filho de pai agricultor e mãe auxiliar de enfermagem, Dodó mudou-se para Quixadá em 2002, quando iniciou a licenciatura em Matemática pela Uece. Ele optou por estabelecer-se lá e dividir as despesas de alimentação, água e energia com contêrneos para evitar viagem à cidade natal todos os dias.

“Meu curso é numa área que tem a ver com Matemática, só que com mais perspectiva de trabalho. Não só no ensino, mas como profissional de empresas de desenvolvimento de software. Não abandonei a Matemática, mas dei um tempo para, quem sabe, retomar e mesclar com a área de Sistemas da Informação”, avalia o estudante, que também é bolsista do PET. Por conta da formação, Dodó já recebeu convites para retomar a docência, mas prefere priorizar a formação em Sistemas da Informação. “O curso trará melhorias pra mim e está atendendo às minhas expectativas. Sempre tive curiosidade por desenvolvimento de software e a área de lógica me interessa”, afirma.

Por ser o “caçula” dos campi da UFC no Interior, pode-se pensar que o Campus de Quixadá sofre mais que os outros pela infraestrutura ainda em implantação. Ledo engano. Quando a equipe de Universidade Pública chegou ao prédio que o abriga provisoriamente, constatou algo inédito no ensino de graduação da área de tecnologia no Ceará, e talvez no Brasil. Havia mais computadores disponíveis que alunos para utilizá-los. Ao laboratório próprio com 20 máquinas se somavam outras 20 compartilhadas com o núcleo da Universidade Aberta do Brasil (UAB) de Quixadá, que funciona em parceria no mesmo local, à noite, e outros 20 computadores distribuídos em salas de aula.

Começar do zero pode ser um desafio, mas também um aprendizado. “Interior é muito motivante porque você tem tudo a construir. É como se fosse o início da UFC, dá para se sentir como Antonio Martins Filho. Não existe nada ao redor, e você tem de trabalhar com afinco para acontecer”, afirma o Coordenador do Curso de Sistemas de Informação, Prof. Davi Romero. Por ser ainda recente a presença da UFC no município, é difícil medir de forma concreta os impactos causados pela instalação do campus, já bem visíveis em Sobral e no Cariri. A expectativa futura é de que se repita a mesma interação com a sociedade, bem como os efeitos na economia e na cultura locais. ☺

DE SORRISO ABERTO

Projeto de Extensão do Departamento de Clínica Odontológica da UFC leva cuidados em saúde bucal ao ambiente hospitalar

É quase impossível não abrir um sorriso ao ouvir falar do Projeto Renascer. Projeto de extensão da Universidade Federal do Ceará, ele vem sendo desenvolvido, desde abril de 2007, pela Prof^a Andréa Aguiar, do Departamento de Clínica Odontológica da Faculdade de Farmácia, Odontologia e Enfermagem da UFC.

O Renascer tem como objetivo atender a pacientes internados, levando orientações básicas de saúde bucal, para proporcionar mais qualidade de vida a essas pessoas. “Quando passei no concurso para professor da UFC no Campus de Sobral, eu já tinha vontade de fazer algo diferente, pois meu trabalho era muito especializado na lógica da cirurgia buco-maxilo, e eu queria ampliar o foco”, explica a professora.

Em 2007, Andréa idealizou um projeto de extensão que pudesse levar aos pacientes internados um atendimento odontológico que não visasse apenas à cirurgia. Para isso, eram necessários uma estrutura hospitalar e alunos que pudessem atuar no projeto, o que lá em Sobral, como o curso estava começando, não havia. “Essa estrutura e esses alunos eu deveria conseguir aqui no curso de

Odontologia em Fortaleza”, revela.

Em Fortaleza, Andréa contou com o apoio de algumas alunas voluntárias para tocar o projeto. O local de atuação do Renascer seria o Instituto Doutor José Frota. Mesmo ainda em fase de elaboração, ao ser divulgado apenas o mote do que seria o trabalho, 94 pessoas se inscreveram para participar. “Pensei: meu Deus, esse é um projeto que efetivamente ainda não existe e, mesmo assim, há tantos interessados?!”, relembra a professora. A partir daí foi necessária uma seleção de quem poderia participar, quem teria o perfil mais aproximado das atividades pretendidas. Nessa seleção foram escolhidos 15 alunos.

Com os alunos selecionados e o projeto mais encaminhado, ficava faltando apenas uma coisa: onde atuar. Sim, pois o plano inicial de atuar no IJF fora impedido pela falta de autorização. Enquanto não encontravam um lugar específico para trabalhar, a professora começou a capacitar os alunos, preparando-os para que no momento em que aparecesse um local, eles estivessem prontos para atuar. Essa capacitação acontecia aos sábados à tarde, já que a professora morava em Sobral e só podia vir a

Fortaleza no final de semana.

De abril a novembro de 2007, os alunos foram treinados e capacitados para atuarem nas enfermarias. Restava agora conseguir um local para trabalhar. “O Renascer começaria com uma grande particularidade: devido ao fato de eu morar fora, ele funcionaria só aos domingos. Esses 94 alunos que se inscreveram apostaram em algo diferente”, pondera Andréa.

Erick Fontenele, que atualmente cursa o 6º semestre de Odontologia, foi um dos que apostaram na prática odontológica diferenciada proposta pelo projeto. “Estou no projeto desde o seu início. Tem sido uma experiência fantástica, pois me deu a oportunidade de conhecer um mundo totalmente novo, onde pude ter um maior contato com os pacientes internados, perceber suas necessidades e aprender com isso”, explica. Erick ressalta ainda que o projeto foi uma oportunidade de antecipar experiências, já que desde o 1º período do curso ele vem tendo contato com pacientes, o que só aconteceria normalmente a partir do quarto semestre.

Em novembro de 2007, era chegada a hora de partir para a prática: a autorização para atuar aos domingos no IJF foi concedida. Todas as enfermarias do hospital foram contempladas com as práticas de orientação de escovação e educação em saúde bucal, exceto a Unidade de Queimados, Emergência e a UTI. Em cinco meses de atendimentos no IJF, foram atendidos cerca de 390 pacientes.

No Renascer, participam alunos de todos os semestres, que são divididos entre iniciantes, intermediários e avançados. Durante os atendimentos, os alunos são divididos em trios. Segundo Erick, há quatro etapas a serem cumpridas: o preenchimento de uma ficha com histórico do paciente,

exame clínico-oral, orientação de escovação e higiene bucal, considerada uma das etapas mais importantes. “Utilizamos alguns instrumentos que nos auxiliam, como macromodelos, escovas dentais, espelhos. O paciente que tem condições de se levantar do leito é direcionado ao banheiro e realizamos uma orientação de escovação na prática. Já o paciente que não está em condições de se levantar recebe a orientação no próprio leito, levando em conta suas limitações”, detalha Fontenele.

A 4ª etapa é chamada de ART ou Tratamento Restaurador Atraumático, que consiste no atendimento de usuários com maiores necessidades de tratamento. As lesões por cárie são limpas com instrumentos manuais e um material restaurador provisório é colocado. “Este passo visa a impedir ou diminuir a progressão da lesão cáries do paciente enquanto o mesmo encontra-se internado, de modo a evitar complicações sistêmicas”, esclarece Erick.

Com a aprovação da Prof^a Andréa para o curso de Odontologia da UFC em Fortaleza, em 2008, o Renascer passa por várias mudanças, dentre elas os horários de atuação, que passaram a ser na semana, e a unidade hospitalar onde os serviços eram prestados. “A mudança de local aconteceu porque no IJF já aconteciam os estágios curriculares três vezes na semana. Mudamos para o Hospital Universitário Walter Cantídio (HUWC), que não tinha esses atendimentos, e passamos a atender de segunda a sexta-feira”, conta.

Atualmente, no HUWC, os alunos do Renascer atuam em duas enfermarias e já há um projeto para uma unidade de hematologia, que em breve será posto em funcionamento. “A finalidade do Renascer não é o projeto, não é o aluno, não é o

professor, é o usuário. Não quero quantidade, quero qualidade de atendimento, o que importa é o paciente", assim Andréa define o trabalho feito no projeto.

Além dessas mudanças, em 2008, o Renascer ganhou duas premiações das jornadas de acadêmicos de Odontologia da UFC e da Universidade de Fortaleza, e realizou o I Curso de Odontologia Hospitalar, com um perfil multidisciplinar de professores. Durante o curso aconteceu a I Mostra de Projetos de Extensão dos Cursos de Odontologia da UFC.

Este ano, além de continuar com os atendimentos no HUWC, o Projeto Renascer recebeu convites para atuar no Hospital Waldemar de Alcântara e no Hospital Infantil Albert Sabin. "Vamos realizar uma nova seleção de alunos que tenham o perfil para trabalhar com os pacientes dessas duas unidades hospitalares, principalmente para lidar com crianças", antecipa a professora. Como o Renascer não para, neste semestre ocorre a segunda edição do curso de Odontologia Hospitalar, que além de formação, visa à discussão sobre a necessidade de atendimento odontológico hospitalar na rede pública.

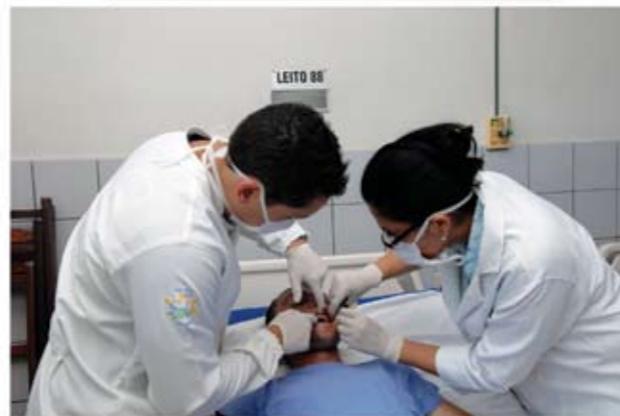
Discussão essa que será aprimorada em audiência pública na Assembleia Legislativa do Estado do Ceará. A partir da provocação lançada pela Universidade Federal do Ceará, o deputado estadual Roberto Cláudio solicitou, junto às comissões de Saúde e Ciência e Tecnologia da Assembleia, audi-

ência pública para tratar questões sobre Ações e Serviços de Odontologia no Âmbito Hospitalar.

"Estamos vivendo um momento em que, no Estado do Ceará, há na rede pública duas tendências muito saudáveis: o atendimento básico odontológico realizado pelo Programa de Saúde da Família, e a interiorização do atendimento especializado, com a construção de mais 16 Centros de Especialidades Odontológicas no Interior do Estado. Agora é necessário discutirmos a presença de serviços de Odontologia dentro dos hospitais públicos, como já vem acontecendo no Hospital Geral de Fortaleza", explica Roberto Clá-

udio, ao falar do teor da proposta de audiência.

A audiência deve acontecer em setembro e a ideia é que sejam ouvidos alguns especialistas na área de odontologia hospitalar, especialistas da própria UFC, além de relatos de experiências de hospitais públicos que já tenham esse serviço. "Se eu incorporo aplicação tópica de flúor, se eu incorporo tratamento restaurador atraumático, estou proporcionando mais qualidade de saúde bucal ao paciente que está internado", conclui Andréa Aguiar. ☺



Equipe do Projeto Renascer faz atendimento em leitos do Hospital Universitário

Os novos caminhos do ICA

Instituto de Cultura e Arte completa um ano, com novos cursos, e à espera de sua sede no Campus do Pici

Criado em 2003 como órgão administrativo para congregar e gerenciar os equipamentos culturais da UFC, o Instituto de Cultura e Arte da UFC passou por várias mudanças. A maior delas aconteceu em junho de 2008, quando ele foi transformado em unidade acadêmica. Essa transformação é fruto dos processos de expansão que a UFC, bem como as demais Instituições Federais de Ensino Superior brasileiras, tem vivenciado com o aporte de recursos vindos do Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni). Esses recursos têm possibilitado uma ampliação no número de cursos de graduação, além da expansão de vagas em cursos já existentes.

Para o Pró-Reitor de Graduação e Diretor do ICA, Custódio de Almeida, este "é um momento especial da história das universidades federais brasileiras e o maior processo de expansão em bloco dessas instituições já ocorrido. De um lado, devemos atribuir essa oferta de cursos à política educacional do Governo Federal e, de outro, é necessário reconhecer que se trata de um forte processo de inclusão social. O Brasil carecia, há muito tempo, de uma expansão de vagas públicas como essa para melhorar os seus índices educacionais de nível superior. Só temos que celebrar esse momento".

Como unidade acadêmica, o ICA já nasceu abrigando os cursos de graduação em Comunicação Social, Filosofia, Educação Musical e Estilismo e Moda, além dos programas

de pós-graduação em Filosofia e em Comunicação. Com a mudança para o Instituto, os cursos ganharam uma nova identidade, mais voltada para a cultura e a arte. "A partir disso, os cursos podem ser pensados e articulados juntos, tendo a arte e a cultura como foco comum. Muitos projetos podem ser feitos para que a relação Universidade e sociedade seja fortalecida", explica Custódio.

Ao longo do primeiro ano, o ICA conquistou espaço para sua sede, que está sendo construída no Campus do Pici, abriu concurso para seleção de professores e funcionários para compor o quadro funcional do Instituto, publicou a ópera "Moacir das Sete Mortes ou a vida desinfeliz de um cabra da peste". Como comemoração de seu primeiro aniversário, houve ainda a realização da Semana ICA, em junho, com vasta programação cultural. Para Custódio, essas realizações sinalizam aquilo que pode ser feito no e pelo ICA. "Foi um ótimo começo, mas continuamos começando até a mudança definitiva para o Pici e a conclusão da expansão e do Projeto Pedagógico do Instituto, que desenhará as linhas de ação que o ICA deverá seguir", explana.

Além disso, novos cursos estão surgindo no ICA, como é o caso dos de Gastronomia, Artes Cênicas e Cinema e Audiovisual. Esses cursos já serão ofertados no Vestibular 2010, cujo edital foi lançado no último dia 5 de agosto.

O projeto do ICA é ambicioso e, segundo seu diretor, deverá alterar o

perfil acadêmico do campus que abrigará sua sede. A própria dinâmica interna do Instituto, onde inexiste a estrutura departamental, já possibilita um olhar diferenciado. Há ainda a questão da integração curricular, tudo isso pensado para criar um maior intercâmbio entre os cursos. "Ainda estamos fisicamente separados, enquanto aguardamos a inauguração do novo prédio no Campus do Pici. Quando estivermos fisicamente juntos, teremos mais facilidade para diálogos", acredita Custódio.

Iniciadas as obras em janeiro de 2009, a previsão é de que as instalações do ICA estejam prontas ao final de 2010. A expectativa é começar o primeiro semestre letivo de 2011 na nova sede. Dessa forma, os cursos novos desenvolverão suas atividades em instalações temporárias, até que as efetivas estejam prontas. É o caso do curso de bacharelado em Gastronomia, que funcionará à noite e provisoriamente será instalado no Centro de Ciências. Para o funcionamento do curso, mudanças serão realizadas no Restaurante Universitário do Pici, para que ele sirva de laboratório de aprendizagem. Custódio esclarece que estão em andamento projetos para a construção das novas cozinhas experimentais, com previsão de entrega para o segundo semestre de 2010.

"O ICA também ficará integrado ao Centro de Convivência do Pici, que terá o Restaurante Universitário como âncora. É um projeto grande e arrojado, dele resultará um novo e importante equipamento cultural da UFC no Pici", antecipa Custódio. ☺

O diploma em questão

O fim da exigência do diploma para o exercício legal da profissão de Jornalismo abre debate sobre a qualidade da informação produzida pela imprensa e sobre a possibilidade de desregulamentação de outras profissões no Brasil

Cerca de 80 mil jornalistas em atuação no Brasil, segundo dados do Ministério do Trabalho e Emprego, não esquecerão tão cedo o dia 17 de junho de 2009. Naquela data, por oito votos a um, os ministros do Supremo Tribunal Federal acompanharam o voto do presidente da Corte e relator da matéria, ministro Gilmar Mendes, e decidiram pela não-obrigatoriedade da formação em nível superior em Jornalismo para o exercício legal da profissão. Somente o ministro Marco Aurélio Mello votou pela manutenção do diploma, questionado através de uma ação de inconstitucionalidade pelo Sertesp (Sindicato das Empresas de Rádio e Televisão no Estado de São Paulo) e pelo Ministério Público Federal.

Cerceamento da liberdade de expressão e do livre pensamento, reserva de mercado, profissão desprovida de conhecimentos técnicos e herança autoritária dos tempos do regime militar foram alguns argumentos levantados pelos ministros durante a sessão que derrubou a exigência do diploma de Jornalismo para a prática profissional, como preconizava o inciso V do artigo 4º do Decreto-Lei nº 972, de 1969, que regulamentou a profissão de jornalista no Brasil.

A decisão do STF acirrou os ânimos e aumentou o fosso de divergências entre entidades do setor de comunicação do País. De um lado, a

Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão (ABERT) e a Associação Nacional de Jornais (ANJ), contra a exigência do diploma. Do outro, a Associação Brasileira de Imprensa (ABI) e a Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj), que congrega 31 sindicatos estaduais e municipais da categoria, a favor da exigência do diploma.

“De profunda irresponsabilidade; política, e não jurídica” é como a presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado do Ceará (Sindjorce), Déborah Lima, classifica a decisão do STF, que também atingiu cerca de 2.500 professores de Jornalismo e milhares de estudantes dos 450 cursos de Jornalismo no País, de acordo com o Ministério da Educação. Segundo ela, a sociedade brasileira, consumidora das informações transmitidas pelos veículos de comunicação, também saiu perdendo. “O diploma dá à sociedade uma garantia de que aquele profissional teve acesso à mínima qualificação para desenvolver uma profissão com a função social que tem o jornalismo”, defende.

A opinião é compartilhada por Ivonete Maia, presidente da Associação Cearense de Imprensa (ACI) e professora fundadora do Curso de Jornalismo (hoje Comunicação Social) da UFC. “A ACI é fundamentalmente a favor do diploma e da quali-

ficção profissional, que tem como espaço primordial a universidade, onde a pessoa se submete ao currículo no qual estão incluídas disciplinas que dão ao futuro profissional uma base humanística para o exercício da atividade.”

Segundo o presidente da unidade curricular de Jornalismo do Curso de Comunicação Social da UFC, Prof. Ronaldo Salgado, o diploma de jornalista faz a sociedade ganhar “na qualidade do conteúdo jornalístico, que é respaldado por uma formação teórica, humanística, ética e cultural que só através da formação do ensino superior, da convivência na universidade, é possível adquirir”, acredita.

Salgado garante que o exercício profissional do jornalismo não se restringe somente à técnica. “Ele pressupõe uma responsabilidade social respaldada num comportamento ético, porque vai lidar com a informação, um bem importantíssimo para toda a coletividade”, salienta. O professor afirma que o desenvolvimento histórico do ensino de jornalismo no Brasil, “principalmente de 1969 pra cá, quando foi instituída a exigência do diploma, solidificou e fez crescer a qualidade do exercício profissional nas grandes redações de jornais, revistas e emissoras de TV.”

A presidente do Sindjorce esclarece que a obrigatoriedade do diploma não foi uma imposição do governo ditatorial, mas uma conquista da categoria. “É verdade que o diploma foi aprovado num cenário de ditadura, mas é uma mentira histórica dizer que ele foi instituído para limitar o acesso de jornalistas revolucionários, questionadores ou subversivos às redações. Esse argumento não se sustenta porque as redações já estavam sob censura, não precisa-

ria desse dispositivo. Os jornais já faziam o que os militares queriam, pois já existia censura oficial do Estado”, afirma.

Ainda segundo Déborah Lima, o Decreto-Lei nº 972/69 não pode ser entendido como “resquício autoritário” da ditadura, pois ele foi redigido pelos próprios jornalistas. “Na época, o governo foi tão radical que se mostrou contra a figura do colaborador, que é quem tem o conhecimento específico, seja na área da saúde, da cultura... Mas como não queríamos ser acusados de limitar acesso ou corporativistas, porque sabíamos que isso seria cobrado em dado momento, o Decreto-Lei já autoriza a contribuição de colaboradores em jornais, rádios, revistas e TVs”, explica Déborah.

Decisão do STF pode ser revertida no Congresso

A derrubada do diploma de jornalista causou movimentação no Congresso Nacional. Enquanto no Senado Federal já se encontra na Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania (CCJ) a Proposta de Emenda Constitucional (PEC) nº 33, de autoria do senador Antonio Carlos Valadares (PSB-SE), a Câmara dos Deputados protocolou a PEC nº 386/2009, do deputado federal Paulo Pimenta (PT-RS), que recebeu apoio de 191 deputados. Ambas restituiriam a obrigatoriedade do diploma para o exercício legal da profissão de jornalista.

Pela PEC nº 33/2009, seria acrescentado à Constituição Federal o artigo 220-A, com a seguinte redação: “O exercício da profissão de jornalista é privativo do portador de diploma de curso superior de comunicação social, com habilitação em jornalismo, expedido por curso reconhecido pelo Ministério da

Educação, nos termos da lei.” A exigência do diploma, no entanto, seria facultativa ao “colaborador, assim entendido aquele que, sem relação de emprego, produz trabalho de natureza técnica, científica ou cultural, relacionado com a sua especialização” e aos jornalistas provisionados “que já tenham obtido registro profissional regular perante o Ministério do Trabalho e Emprego.”

“A informação, para chegar ao cidadão, pressupõe ser produzida por quem tem formação, conhecimento e critérios da verdade. Isso exige uma preparação da pessoa. Anteriormente, tinha os engenheiros práticos, os rábulas, dentistas que faziam extração de dentes sem ter formação; o que existia era o conhecimento prático. Mas isso foi ultrapassado, em muitos países, há séculos. Nós não deveríamos dar um passo atrás no que se refere aos profissionais que têm a responsabilidade de levar a informação verdadeira para a população”, acredita o senador Inácio Arruda (PCdoB-CE), relator da PEC no Senado.

Se aprovado o relatório de Arruda na CCJ, onde ainda poderá receber emendas de outros parlamentares que compõem a Comissão, a PEC vai à votação no plenário. Pelas contas do senador, isso deve acontecer na segunda metade de setembro. São necessários 3/5 dos votos dos 81 senadores para a aprovação da matéria. Caso obtenha sucesso, ela segue para a Câmara dos Deputados, onde passa por nova votação. Se ultrapassar todos esses obstáculos, caberá ao Presidente da República sancionar a emenda constitucional.

Arruda explica que o Senado optou por uma PEC porque o STF argumentou que não havia amparo constitucional na obrigatoriedade do diploma de jornalista. “Por isso, não podemos deixar a questão fragilizada, numa lei ordinária, para depois, novamente, buscar-se inconstitucionalidade.”

O senador admite que a tramitação da matéria

não será fácil no Congresso Nacional. Contra ela, haverá o lobby de parlamentares sócios ou donos de jornais e emissoras de rádio e televisão, situação proibida pela Constituição Federal. Para sensibilizar políticos e aperfeiçoar o texto da PEC, serão realizadas pelo menos seis audiências públicas – Rio de Janeiro, São Paulo, Brasília, Salvador, Fortaleza e Aracaju. “Espontaneamente, acredito já ter 30 votos no Senado. É preciso forte mobilização também dos cursos de comunicação, dos profissionais, dos sindicatos”, acredita o relator.

Outras profissões podem ser desregulamentadas

A decisão do STF pela inconstitucionalidade da obrigatoriedade do diploma gerou protestos em todo o País. Outras categorias profissionais e diversos setores da sociedade lançaram notas em repúdio ao STF. A Ordem dos Advogados do Brasil saiu em defesa dos jornalistas e o presidente nacional da entidade, Cezar Britto, considerou “erro de avaliação” o veredito dos ministros do STF. Britto argumentou que a legislação vigente que regulamenta a profissão, o Decreto-Lei nº 972/69, já garantia reserva de mercado para outros profissionais atuarem na imprensa, por meio das figuras do colaborador e do articulista.

Outra entidade que defende a exigência de formação em nível superior é a Central Única dos Trabalhadores, que aprovou, ao final do seu 5º Encontro Nacional de Comunicação, em 17 de julho, moção de repúdio à decisão do STF. Na nota, a CUT declara sua adesão à “luta em defesa do diploma de jornalista para garantir os critérios de responsabilidade social dessa importante profissão”, além de alertar que a decisão do STF diz respeito a todos os trabalhadores.

A nota da CUT reflete a preocupação gerada por uma declaração do ministro Gilmar Mendes nos dias que se seguiram à decisão do

STF. Mendes admitiu que outras profissões deverão ser desregulamentadas a partir do precedente da derrubada da obrigatoriedade do diploma de Jornalismo.

Fogo amigo?

Antes mesmo do veredito do STF, futuros comunicadores de todo o País reuniram-se em janeiro, em Salvador, durante o XVI Congresso Brasileiro de Estudantes de Comunicação Social. Do encontro, foi aprovado o posicionamento da Executiva Nacional dos Estudantes de Comunicação Social (ENECOS) pela não-obrigatoriedade da exigência do diploma de comunicação social em qualquer das suas habilitações.

Segundo Vinícius Oliveira, de 23 anos, estudante do 5º semestre do Curso de Comunicação Social (Jornalismo) da Universidade Federal de Sergipe e coordenador geral da ENECOS, cerca de 30 delegados com direito a voto decidiram por essa posição. “O diploma foi o que mais dividiu a Executiva. Por dois votos, é que temos esse posicionamento fechado hoje. Pode ser que no próximo ano a ENECOS mude de posicionamento, pois ela é uma construção dinâmica”, admite Oliveira.

Para a ENECOS, segundo o estudante, é preciso discutir, antes do diploma, o trabalho a que o comunicador está sujeito. “O diploma não evita a precarização do trabalhador jornalista. Dentro desse contexto, a avaliação foi que o diploma é uma maneira de elitizar e privar esse direito humano que é a comunicação. Com a obrigatoriedade do diploma nós poderíamos ter movimentos sociais e comunitários com seus jornais e veículos de comunicação”, argumenta o coordenador, ao mesmo tempo em que propõe um “fórum de regulamentação do trabalho do comunicador”.

A presidente do Sindjorce, Déborah Lima, diz ser “insustentável” o

argumento da ENECOS de que a obrigatoriedade do diploma de jornalista para o exercício profissional fere o conceito de democratização da comunicação. “A sociedade, representada pelo Estado, deixou de dizer quem é jornalista ou não, e quem está dizendo agora é o mercado. Liberdade de expressão, de imprensa e de opinião nós defendemos com unhas e dentes, há muito tempo. Confundir isso com exercício profissional é má-fé”, contesta.

O presidente do Sindicato das Empresas Proprietárias de Jornais e Revistas do Ceará (Sindjornais), Mauro Sales, acredita que a decisão do STF fragiliza o Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado do Ceará (Sindjorce) junto à categoria. Entretanto, ele não antevê qualquer tipo de mudança na relação

entre os sindicatos dos jornalistas e patronais. “As empresas jornalísticas continuarão exigindo o diploma para o exercício da atividade, podendo existir esporadicamente casos especiais da não exigência”, admite. ☛

O senador Inácio Arruda acredita que a tramitação de emenda que pretende garantir, novamente, a exigência do diploma não será fácil. A presidente do Sindjorce, Déborah Lima, diz que ato do STF foi “irresponsável”



Meio século de promoção da saúde

Destaque em ensino, pesquisa e assistência, o Hospital Universitário Walter Cantídio completa, em 2009, 50 anos de atividades

por Cristiane Pimentel

São exatos 50 anos dedicados ao ensino, pesquisa e assistência à saúde. Estrutura essencial no trabalho de atenção e promoção do bem estar físico e psíquico no Estado do Ceará, o Hospital Universitário Walter Cantídio chega, em 2009, à marca de meio século de atividades. Com a história ligada à solidificação da medicina acadêmica em terras cearenses, o Hospital é, atualmente, centro de referência em inovação científica e de formação e qualificação de profissionais de saúde.

São 34 especialidades de residência médica oferecidas no HU, em que atuam, atualmente, 185 residentes. Destes, 18 integram áreas não médicas. Para Luciano Moreira, diretor da Faculdade de Medicina da UFC, a atuação dos estudantes da Faculdade no Hospital tem sido ponto chave para a boa formação. “O Walter Cantídio não é somente a maior sala de ensino do curso de Medicina da UFC, como da própria Universidade. Antes mesmo de entrarem nessa fase de internato eles já têm boa parte de seu tempo ocupada com atividades dentro do Hospital”, remarca.

Neiva Francinelly, diretora da Faculdade de Farmácia, Odontologia e Enfermagem (FFOE), da UFC, qualifica o HUWC como grande laboratório vivo de formação dos profissionais de saúde, e destaca futuras possíveis parcerias. “A importância do Hospital Universitário Walter Cantídio na formação dos profissionais da saúde em

geral, particularmente os da Faculdade de Farmácia, Odontologia e Enfermagem (FFOE), deve ser celebrada. Além dessa relação dos três cursos, que desenvolvem experiências na formação dentro do Hospital, temos a relação através de projetos de pesquisa e extensão. Quanto à residência, esperamos, em breve, implantar uma na área de Odontologia Hospitalar, desejando que essa relação de vínculo com o Hospital se fortaleça mais ainda”, informa.

Como, até pouco tempo, somente a UFC formava médicos no Ceará, não é exagero dizer que praticamente todos os nomes de evidência na área já passaram pelos corredores do HU. Segundo João Ananias Vasconcelos Neto, Secretário de Saúde do Estado, a qualificação desses profissionais está ligada diretamente ao Hospital Universitário. “Há cinco décadas o Walter Cantídio faz história como hospital de ensino. Contribui, incontestavelmente, para a formação de médicos, enfermeiros e os mais diferentes profissionais”, declara. De acordo com o Secretário de Saúde do Município de Fortaleza, Alex Mont’Alverne, o HU, como estrutura de ensino, é o grande destaque na formação médica cearense. “O Hospital é uma unidade de fundamental importância no Estado do Ceará, com papel relevante em duas áreas: a primeira é a assistência, que tem mantido o hospital como referência em muitas especialidades. A

segunda área refere-se à formação de pessoal em saúde, sobretudo de médicos e enfermeiros. Durante muitos anos, o Walter Cantídio foi o único hospital de ensino do Estado do Ceará e, até hoje, continua sendo o principal centro de formação de médicos”, aponta.

Pesquisas

Quando se fala em hospital, a primeira coisa em que se pensa é na atenção à saúde. No entanto, os hospitais, notadamente os universitários, têm ainda outro exercício que sedimenta seu trabalho, a pesquisa científica.

No Hospital Universitário Walter Cantídio, dezenas de estudos são conduzidos por profissionais das mais diversas áreas e especialidades de saúde, sejam vinculadas a programas de pós-graduação dos cursos do Campus do Porangabuçu, sejam atreladas a financiadores públicos, como o Sistema Único de Saúde, ou privados, como a indústria farmacêutica.

Campo fértil para algumas pesquisas do HU tem sido o serviço de



Nefrologia Clínica, que realiza trabalhos e investigações dentro de quatro linhas: Doenças Tropicais Infecciosas, Metabolismo Mineral e Ósseo na Doença Renal Crônica, Prevenção da Doença Renal Crônica e Doença Renal Aguda. Um dos estudos mais recentes diz respeito às alterações renais encontradas em pacientes com Leptospirose. Foram avaliados 196 pacientes, entre os anos de 1985 a 2008, com insuficiência renal aguda, uma das decorrências da doença. Os pesquisadores observaram que, do total de pessoas estudadas, 32% apresentavam oligúria, que é o baixo volume urinário, característica que denota gravidade na moléstia.

Após a coleta desse dado, foram comparados os pacientes que apresentavam oligúria com os que não evoluíram para a complicação e foi constatado que ela estava associada a alterações bioquímicas como hiponatremia (sódio baixo no sangue), creatinina elevada, acidose, aumento de enzimas hepáticas e bilirrubina; além de idade acima de 40 anos. Segundo Geraldo Silva, pesquisador do serviço de Nefrologia, a detecção dessas características é importante para um tratamento mais eficaz dos pacientes com leptospirose. “É importante identificar esses fatores para saber quem está em estado mais grave e deve ter um tratamento mais cuidadoso, tentando-se assim, reduzir a mortalidade através de melhor atendimento”, afirma.

Outro trabalho recente, publicado em 2008, no Brazilian Journal of Infectious Diseases, também com enfoque nas doenças tropicais infecciosas, mirou no calazar. Foram estudados 57 pacientes internados no Hospital São José, em Fortaleza. Desses, 26% apresentaram insuficiência renal aguda. Foi ainda visto que os parâmetros clínicos ambulatoriais dos que tinham o problema eram mais graves. Com isso, os pesquisadores verificaram que a insuficiência renal é bem mais frequente

em casos de calazar do que se tinha conhecimento até então. “Podemos mostrar que a incidência de insuficiência renal aguda no calazar é alta, mais até do que os médicos em geral sabem. O entendimento, antes, era de que o rim não é afetado. A gente aprende na faculdade que isso não é comum, mas o nosso trabalho mostrou que sim”, explica o pesquisador Geraldo Silva.

Projetos

Em cinco décadas de atividades, o Hospital Universitário Walter Cantídio atuou na reabilitação física e psíquica de milhares de pessoas. Mas nem só de medicamentos e procedimentos cirúrgicos vive o paciente. A cura pode estar em uma palavra, um gesto, um estímulo. Atentos a isso, os profissionais do HU desenvolvem projetos de educação e capacitação, promovendo saúde e qualidade de vida. Um deles é o “Som Saúde”, desenvolvido há sete anos no Hospital.

Um grupo se reúne para cantar. É Roberto Carlos pra lá, Amado Batista pra cá; Padre Marcelo Rossi e Bartô Galeno dividindo o mesmo espaço. Animadas, as pessoas agitam instrumentos de percussão enquanto soltam a voz. Terminada a cantoria, elas se despedem e retornam às enfermarias.

A idealizadora desse mini-show improvisado tem música até no nome: Ré Campos, psicóloga do Hospital e musicista. Toda semana, em uma das salas da enfermaria cirúrgica, ela reúne grupos de pacientes dispostos a liberar suas tensões através da música. Segundo Ré, o objetivo do projeto é atuar como auxílio no tratamento dos pacientes por meio do relaxamento e descontração, além de tirar do foco de seus pensamentos a doença. “A música tem a possibilidade de resgate da alegria de viver, ela leva a gente a viajar no tempo, atinge vários campos do cérebro e faz com

que nos sintamos melhor. Com isso, há aderência maior ao tratamento e recuperação mais rápida”, explica.

Em uma manhã de atividades, os pacientes adentram a sala curiosos. Mal sentam e logo recebem de brinde um violão com seu nome gravado. E não importa se ele é de papel e ficará afixado em suas roupas. Cada um já tem seu instrumento, mesmo quimera, junto ao peito.

Todos prontos, Ré inicia a apresentação de cerca de 30 instrumentos dispostos sobre a mesa. Alguns são velhos conhecidos, como sanfona e chocalho. Outros, nem tanto, como a calimba, a matraca e o pau-de-chuva, que, aos ouvidos de alguns que ali estavam, de chuva passou foi longe e soou como “zoada de passarinho tomando banho” ou “som de panela no fogo”.

E quem entrara tímido se desinibe. O sério sorri. O titubeante fica resolutivo e as vozes adormecidas saltam ao tocar da música da juventude, do ídolo, dos bons momentos. As mãos acompanham e a atmosfera fica logo tomada. Por um momento, faz-se de conta que aquelas pessoas não são pacientes, que elas não estão doentes, que ali não é um hospital.

“Onde você estiver, não se esqueça de mim...”, foram os versos entoado pela simpática Elisabete Araújo, 27 anos, internada com insuficiência renal. Para ela, a canção evocou os últimos momentos com o namorado antes de seguir para o hospital. “Quando a gente se viu, estava tocando essa música”, lembra. A escolha do franzino Miguel Araújo, 51 anos, hospitalizado também por problemas renais, foi Fábio Júnior, em sua opinião “música moderna e jovem”. “Só o sujeito estar dentro de um hospital já não presta, mas aqui é muito bom. Dos hospitais que fui, nunca vi isso”, aponta. Acompanhando o sogro, Maria Santana optou por comunicar-se

com o sagrado através das canções. “Escolhi Nossa Senhora porque sou muito devota. A fé cura, salva, liberta. Além do mais, quem canta seus males espanta”, afirma.

Perspectivas

Apesar das conquistas, do crescimento estrutural e do aperfeiçoamento dos serviços ao longo dos últimos 50 anos, dificuldades ainda permeiam o cotidiano do Hospital Universitário Walter Cantídio, realidade esta partilhada pela quase totalidade dos 46 hospitais universitários e de ensino brasileiros. No entanto, bons ventos parecem soprar rumo a essas instituições, com a apresentação, em maio deste ano, pelo Ministério da Educação, de uma proposta de reestruturação dos Hospitais Universitários (HU's).

No relatório de apresentação do plano, chamado Programa Nacional de Reestruturação dos Hospitais Universitários (Rehuf), foram constatadas as principais deficiências dos HU's, que são recursos humanos – a necessidade emergencial é de 5.443 novos servidores, de acordo com o levantamento – e financiamento dos hospitais. Como explica o coordenador geral dos Hospitais Universitários do Ministério da Educação, Celso Araújo, o plano integra uma série de medidas tomadas pelo MEC para reverter o atual cenário dessas instituições. “Ainda existe esse cenário crítico. Por isso, está sendo desenvolvido no MEC um diagnóstico da realidade desses hospitais e, em um segundo momento, serão feitas propostas de transformações. No entanto, o MEC já está implantando algumas medidas, como a criação das unidades gestoras autônomas e o adicional de plantão. Está ainda em processo de discussão uma nova forma de financiamento para os hospitais universitários”, afirma.

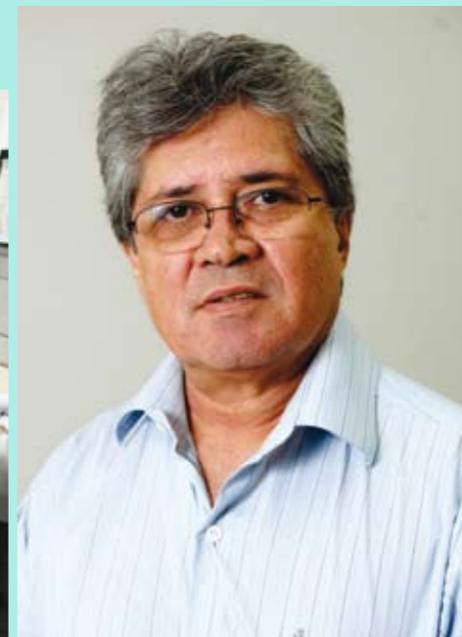
Em consonância com essa ideia de reestruturação, o HUWC, desde 2005, iniciou o esvaziamento das atividades da Sociedade de Assistência Maternidade Escola Assis Chateaubriand (SAMEAC) e passou a realizar suas aquisições através de licitação, modalidade pregão eletrônico. Com isso, há maior poder de negociação de preços dos produtos, garantia de abastecimento e redução dos custos de estoque. Outras medidas tomadas pela administração do HU foram a implantação de uma contabilidade de custos e o planejamento estratégico de atividades, até o ano de 2012. “O MEC tem sinalizado uma boa perspectiva de investimento que vai depender da nossa organização, e nós estamos nos enquadrando para atender a todas as necessidades e indicadores exigidos”, assegura a Diretora administrativa do HUWC, Regina Célia Gomes.

Outra possibilidade de mudanças está no Plano Diretor elaborado pelo HU. Elaborado em 2007, o projeto previa melhorias não somente para o Hospital, como para o Campus do Porangabaçu. No entanto, devido ao seu alto custo final, acabou ficando

na gaveta. “Uma série de solicitações do Campus foram incorporadas, o que fez com que o projeto saísse muito maior do que a gente esperava. Ficou um projeto relativamente grande e de alto custo. O plano precisa hoje ser revisto. Fazendo-se um estudo, pode-se reduzir grande parte dessas demandas que foram aparecendo”, declara o Diretor geral do Walter Cantídio Silvio Furtado.

Contudo, com as discussões da Universidade em torno de um complexo hospitalar, a ideia do Plano Diretor parece tomar novo fôlego. “A formação do complexo vai ajudar muito na decisão de fortalecer a utilização desse Plano, não na sua integralidade, porque já não caberia mais, já há obras feitas. Nosso Plano Diretor tem de ser revisto, mas eu acho que ele deveria ser avaliado e ser inserido em um Plano Diretor que a Universidade deve ter. A gravidade das distorções físicas deste Hospital não nos permite pensar em reformas pequenas. Eu acho que a lógica é utilizá-lo, fazer outro Plano Diretor não faz sentido”, defende Silvio Furtado. 

185 residentes atuam hoje no Hospital, referência em formação médica



Para o Diretor geral do HUWC, Silvio Furtado: plano diretor do Hospital deve ser inserido em plano maior da UFC. Já a Diretora administrativa, Regina Gomes, diz que expectativas de investimento do MEC são boas, mas dependem de organização do próprio HU

ESTRUTURA E SERVIÇOS

O HUWC conta com 242 leitos de internação, 13 leitos de UTI, sete leitos de recuperação pós-anestésica, oito salas de centro cirúrgico e 160 consultórios. Ainda compõem o Hospital: setor de hemodiálise, unidade de hemodinâmica, área de diagnóstico com tomografia computadorizada, serviço de Raios-X convencional e contrastado, cinco salas de aula e um auditório

Nos recursos humanos, são 1.397 funcionários, sendo 952 servidores da UFC e 376 empregados da Sociedade de Assistência Maternidade Escola Assis Chateaubriand (SAMEAC) e servidores de outros órgãos à disposição do HU

Dentre os serviços, o Hospital disponibiliza atendimento ambulatorial, internação e serviços auxiliares de diagnóstico e terapêutica, nas clínicas Médica, Pediátrica e Cirúrgica

Nos serviços clínicos estão: a Clínica Médica, Endocrinologia, Cardiologia, Dermatologia, Gastroenterologia, Geriatria, Hematologia, Nefrologia, Neurologia, Oncologia, Pneumologia, Reumatologia, Psiquiatria e Infectologia

Nos serviços cirúrgicos, estão: Cirurgia Geral, Torácica, Cardíaca, Vascular, Plástica, Pediátrica, Cabeça e Pescoço, Neurocirurgia, Traumatologia, Cirurgia Buco-Maxilo-Facial, Cirurgia Vascular Periférica, Oftalmologia, Otorrinolaringologia, Urologia e Coloproctologia

Além disso, é oferecido tratamento cirúrgico da obesidade grave, acupuntura, terapia renal substitutiva, quimioterapia, radioterapia e hemoterapia. Integrando os serviços, há os de transplante: fígado, rins, córnea e medula

O HU oferta também serviços de Psicologia, Fisioterapia, Terapia Ocupacional, Fonoaudiologia, Assistência Social, Nutrição, Farmácia, além de outras áreas de assistência. Composto essa estrutura hospitalar estão a Comissão de Controle de Infecção Hospitalar (CCIH) e o Núcleo Hospitalar de Epidemiologia (NUHEPI)

O que você quer ser?

A Revista das Profissões, lançada em maio pela UFC, pretende orientar estudantes de Ensino Médio na escolha de suas carreiras profissionais

Desde criança, exercitamos o ímpeto de trabalhar, de exercer algum ofício que nos traga satisfação e que ressalte nossos dons naturais. Quem nunca brincou de construir cidades inteiras de bloquinhos, de inventar roupas novas para as bonecas ou de desenhar um novo modelo para uma pipa?

Para quem está prestes a transformar diversão em coisa séria, a Revista das Profissões, publicação da UFC, traz informações sobre os 100 cursos da instituição. Um bom início para quem ainda não respondeu ao antigo “o-que-você-vai-ser-quando-crescer?” ou para aqueles que querem saber mais sobre outras carreiras.

Antigamente, os filhos escolhiam as profissões indicadas pelos pais, seguindo o caminho considerado tradicional e mais favorável ao sucesso. Hoje, o mercado, competitivo e especializado, torna complexo o processo de escolha do futuro profissional. Como forma de facilitar a escolha que, por vezes, é tomada ainda no início do Ensino Médio, a Revista propõe um diálogo descomplicado e informal entre a instituição e a sociedade.

Lançada em maio deste ano, a publicação é resultado de um trabalho de cerca de seis meses da Coordenadoria de Comunicação Social e Marketing Institucional da UFC, com tiragem de 40 mil exemplares - metade destes, já adquiridos pelo Governo do Estado do Ceará. A Revista faz uma viagem por todas as instalações da Universidade, como as residências universitárias e as Casas de Cultura, os campi, as unidades acadêmicas. Além disso, apresenta os diferentes tipos de bolsas disponíveis para os alunos da UFC.

A jornalista Cristiane Pimentel é a responsável pelos textos. Durante a produção, ela entrevistou profissionais que já atuam no mercado, ligan-

do experiências de vida a informações sobre os cursos da UFC, como o número de semestres e a quantidade de alunos por turma. As profissões são apresentadas de maneira leve e cotidiana, demonstrando a relevância de cada formação na sociedade e descobrindo a função, o campo de estudo e as diferentes áreas de atuação.

Cristiane explica que o estilo descontraído do texto se deve ao fato de ter-se lembrado da forma como gostaria de ter recebido informações sobre a Universidade na época da sua escolha profissional. “Os anos iam passando e, por fim, eu não sabia o que ia fazer. E agora? Pensei nisso e resolvi escrever para os jovens, que hoje em dia estão sempre muito ligados, são curiosos. Se eu tivesse um guia que me interessasse ler, teria sido mais fácil a escolha”, conta. A jornalista confessa que, como muitos, desconhecia várias formações, e o trabalho serviu para ampliar seus

conhecimentos. “Eu não sabia nada sobre muitos cursos, outros eu confundia, como Engenharia da Computação e Computação. Li projetos pedagógicos, conversei com profissionais e aprendi fazendo a revista.”

REVISTA DAS PROFISSÕES

Preço: R\$ 10
Vendas: Livraria da UFC
Av. da Universidade, 2995
Fone: (85) 3366.7439



Há 45 anos o Cetrede promove e desenvolve a educação para o exercício da cidadania. Sempre em sintonia com as atividades acadêmicas da Universidade Federal do Ceará, o Cetrede vem cumprindo importante papel na formação e capacitação de profissionais, socializando o saber gerado na maior e melhor universidade do Ceará.

A Revista Universidade Pública, que nesta edição chega ao quinquagésimo número, também socializa o conhecimento através da difusão da produção científica e cultural da UFC. É por isso que o Cetrede apóia a iniciativa, desde a primeira edição. Parabéns UP e, certamente, continuaremos juntos na missão de promover a educação, o saber e a cidadania.



EUREKA!

O CAMPUS EM QUADRINHOS

ROTEIRO
RICARDO JORGE

DESENHO, CORES E LETRAS
FELIPE LIMA



oficina.quadrinhos.ufc@gmail.com OFICINA DE QUADRINHOS - UFC

ISSO TUDO PODE ESTAR PERTO DO FIM!

15) Qual a função do esqueleto?

Derrotar o Herman e conquistar o castelo de Greuscou.

Descreva o processo da síntese.

Pergunta 22. O que é Mata Atlântica?

A Mata que vai desaparecer, que nem o continente perdido, a Atlântida.

QUANTAS VEZES ME PEGUEI NESSA SITUAÇÃO?

7. Localize x na figura abaixo

TANTO TEMPO DIANTE DESSAS PROVAS...

17 - O que significa o elemento BR na tabela periódica?

FÁCIL. BR = BRASIL

18 - É possível combinarmos zinco e cloreto de sódio em uma reação?

Supo...

E AINDA ME ESPANTO QUANDO VEJO UM NEGÓCIO DESSES!

ACABAR O VESTIBULAR?

6. Fale sobre o movimento literário Romantismo.

São os livros escritos em Roma, na Itália

Descreva as principais características da Química Orgânica.

Resposta *Não sei.*

É, TALVEZ FOSSE ALGO MAIS FÁCIL PARA MIM...

Aí, eles quem foi Karol Wojtyła?

TOP MODEL RUSSA.

MAS QUER SABER DE UMA COISA?

SINCERAMENTE?

em 4. O que foi a Perestroika?

Meu pai não deixa eu falar dessas coisas, é feio!

Comis Vest

QUE EU VOU SENTIR UMA BAITA FALTA, AH, ISSO EU VOU...

BANCO DO BRASIL

BANCO DO NORDESTE

PETROBRAS

GOVERNO DO CEARÁ

PREF. DE FORTALEZA

FINEP

FLEXTRONICS

LG

FAS

UEG

SAMSUNG

SANOPI

INDRA

INGENDESA

ERICSSON

ROCHE

EMBRAPA

RAP

FOXCONN

BRISTOL

DRUGS

CAERN

BENCHMARK

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

ADUISA

CIONE

DÍGITRO

MTE

MINC

FUNCAP

BEMATECH

MINISTÉRIO DA SAÚDE

ACHÉ

CAGECE

JABIL

SEAP

COELCE

ETUFOR

PARKS

NOVARTIS

SEBRAE

FUNCEME

A Fundação Cearense de Pesquisa e Cultura agradece aos seus financiadores por colaborarem para a excelência da produção científica e tecnológica do Estado, através de investimentos em ensino, pesquisa, extensão e cultura, que contemplam os projetos realizados na Universidade Federal do Ceará. Por meio destes financiamentos é possível apoiar projetos como a revista Universidade Pública, que chega, nesse bimestre, à sua 50ª edição.



Fundação Cearense de Pesquisa e Cultura
www.fcpc.ufc.br

CCBNB. 10 ANOS INTEGRANDO TODAS
AS FORMAS DE ARTE COM VOCÊ.

A arte e a cultura sempre fizeram parte da vida do nordestino, um povo que dança, canta e cria como poucos no mundo. Por isso, há 10 anos, o Banco do Nordeste criou o Centro Cultural Banco do Nordeste - CCBNB. Um espaço onde a arte e a cultura da nossa Região convivem com obras de todas as partes do mundo. O resultado é um lugar onde diversas culturas se encontram e os nordestinos encontram a sua essência multicultural. CCBNB 10 anos. Você vivenciando tudo que a arte tem para oferecer.
cultura@bnb.gov.br | www.bnb.gov.br/cultura